

MURAI COMUNITÁRIOS DE RIACHOS: DOCUMENTOS ORIENTADORES PARA A SUA CONSERVAÇÃO

Joana da Silva Ferreira Leite

Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia

Março de 2025

MURAI COMUNITÁRIOS DE RIACHOS: DOCUMENTOS ORIENTADORES PARA A SUA CONSERVAÇÃO

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica de Alexandra Curvelo e da coorientação de Ângela Ferraz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, José Eduardo e Glória Maria, por todo o apoio ao longo da minha vida.

Agradeço à professora Ângela Ferraz pela sua orientação neste trabalho, a qual foi essencial para o terminar.

**MURAIIS COMUNITÁRIOS DE RIACHOS: DOCUMENTOS
ORIENTADORES PARA A SUA CONSERVAÇÃO**

**RIACHOS COMMUNITY MURALS: GUIDING DOCUMENTS FOR
IT'S CONSERVATION**

RESUMO

Riachos é uma vila rural e agrícola com um forte espírito associativo que celebra a Festa da Bênção do Gado a cada quatro anos. Em 2012 e como resultado dessa celebração surgiram os murais, utilizados como uma forma de engalanar as ruas durante a festa. Dada a forte aceitação pela parte da comunidade e visitantes, foram criados outros nas edições seguintes. Assumidos como património cultural comunitário, foi sentida a necessidade de os preservar. Como contributo para esse objetivo foram criados, neste trabalho de projeto, documentos orientadores. O protocolo de monitorização visa acompanhar o estado de conservação dos murais existentes. O guia de criação visa apoiar a execução de novos.

PALAVRAS-CHAVE: Riachos, murais comunitários, protocolo de monitorização, guia de criação de murais

ABSTRACT

Riachos is a rural and agricultural village with a strong community spirit that celebrates the Blessing of the Cattle Festival every four years. In 2012, as a result of this celebration, murals were created, used as a way of decorating the streets during the festival. Given the strong acceptance by the community and visitors, more were created in the following editions. As they are considered part of the community's cultural heritage, the need to preserve them was felt. As a contribution to this objective, guiding documents were created in this project work. The monitoring protocol aims to monitor the conservation status of existing murals. The creation guide aims to support the creation of new ones.

KEYWORDS: Riachos, community murals, monitoring protocol, muraltoolkit

LISTA DE ABREVIATURAS

AFBG – Associação da Festa da Bênção do Gado

ADPR – Associação para a Defesa do Património de Riachos

ADPHNR – Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural de Riachos

BGAC – Bênção do Gado Associação Cultural

CIMT – Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo

CMTN – Município de Torres Novas

CMHD - Casa Memorial Humberto Delgado

FBG – Festa da Bênção do Gado

GRUTAR - Grupo de Teatro Amador de Riachos

IPT – Instituto Politécnico de Tomar

JFG – Junta de Freguesia de Riachos

MAR – Museu Agrícola de Riachos

MRAM - Museu dos Rios e das Artes Marítimas

NAR – Núcleo de Artes de Riachos

NESTMAR – Núcleo de Estudos do MAR

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da Lenda do Senhor Jesus; Autor: MPL; Data: 2012.....	14
Figura 2: Sapateiro; Autor: MPL; Data: 2012.....	15
Figura 3: Igreja velha; Autor: ZM; Data: 2012.....	15
Figura 4: Cenas de namoro; Autor: L. Carmo e Walter Reis; Data: 2016.....	15
Figura 5: Representação do Dr. José Marques; Autor: ZM; Data: 2016.....	16
Figura 6: Homenagem ao Rancho Folclórico “Os camponeses”; Autor: Zé Manel Triquinho; Data: 2016.....	16
Figura 7: Exemplo de desagregação do reboco; Autor: T. Roque; Data: 2016.....	22
Figura 8: Exemplo de grandes lacunas na camada pictórica; Autor: F. Gorjão e Tess; Data: 2012.....	22
Figura 9: Exemplo de desvanecimento de cor; Autor: Amélia Pinheiro; Data: 2012.....	22
Figura 10: Exemplo de colonização biológica; Autor: Zé Manel Triquinho; Data: 2016.....	22
Figura 11: Cenas do ambiente Riachense; Autor: Olga Maria e Miguel Martim; Data: 2012.....	24
Figura 12: Fotografia de levantamento de 2024.....	24
Figura 13: Mapeamento das alterações em 2022; Autor: F. Gorjão e Téss; Data: 2012.....	25
Figura 14: Mapeamento da alterações em 2024	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela classificativa do estado de conservação	20
Tabela 2: Estado de conservação dos murais	21
Tabela 3: Correlação de dados	23
Tabela 4: Recomendações de intervenção	32

ÍNDICE

Introdução.....	1
 Capítulo I - Riachos	
1. Caraterização.....	5
2. A Festa da Bênção do Gado.....	7
3. O Museu Agrícola de Riachos.....	8
 Capítulo II – Os Murais Comunitários	
1. Criação e Caraterização.....	13
2. O projeto MurArte.....	18
3. Avaliação do Estado de Conservação.....	19
 Capítulo III – Preservação e produção dos murais: documentos orientadores	
1. Considerações gerais.....	27
2. Protocolo de monitorização.....	27
3. Guia para a criação de murais.....	34
 Considerações finais.....	 39
Bibliografia.....	43
 ANEXO I - Levantamento do estado de conservação.....	
ANEXO II - Levantamento de murais destruídos.....	75
ANEXO III - Fichas de trabalho e tabelas de apoio.....	79
ANEXO IV - Guia para a criação de murais (brochura).....	86

INTRODUÇÃO

Os murais comunitários contemporâneos vão muito além da tradicional pintura em paredes. Não só incorporam novas tecnologias, como têm a participação ativa da comunidade e transmitem mensagens de impacto social, tornando-se numa ferramenta de transformação urbana e cultural. A sua principal característica é a inclusão da comunidade no processo criativo através de metodologias participativas, como oficinas e consultas públicas, garantindo a representação das experiências locais. Outra característica que os distingue é a colaboração com artistas locais, algo que fortalece a identidade cultural e empodera os moradores¹. Algumas cidades estabeleceram mesmo processos democráticos, nos quais a comunidade se pronuncia através do voto quanto à execução de um determinado mural. Um exemplo é o *Projeto Mural Arts Philadelphia*².

Muitos dos murais comunitários abordam temas sociais, políticos e ambientais, transformando-se em veículos de promoção da justiça social, da identidade cultural e da resistência política. Destacam-se aqui dois exemplos: Um dos murais do projeto *We Are Still Here*³, em Minnesota, que homenageia comunidades indígenas e os murais do movimento *Black Lives Matter*⁴ que se espalharam pelo mundo após o assassinato de *George Floyd*.

São também usados para a revitalização de bairros degradados e para estreitar a ligação da comunidade aos mesmos, potenciando um sentimento de pertença mútua, em que as pessoas pertencem ao bairro e o bairro pertence às pessoas. Cidades como Bogotá e Medellín, na Colômbia, têm investido na execução de murais enquanto elemento de políticas públicas de renovação urbana, pois com eles transformam as áreas degradadas, atraindo turismo e investimento. Como exemplo pode-se apontar o bairro *La Comuna 13*⁵ (Medellín, Colômbia), onde os murais criaram uma identidade visual urbana e contribuíram para diminuir a violência e criar um polo turístico e cultural.

Os murais contemporâneos fundem-se por vezes com a tecnologia digital, tornando-se interativos. Com uma realidade aumentada, os murais ganham animações e conteúdos adicionais, como vídeos, música ou mais informação sobre o assunto, quando

¹Consultar <https://www.ceresri.org/post/muralismo-a-arte-urbana-como-meio-de-express%C3%A3o-e-interven%C3%A7%C3%A3o-social-no-contexto-contempor%C3%A2neo> (Acesso em 20/03/2025).

²Consultar <https://muralarts.org/> (Acesso em 18/03/2025).

³Consultar <https://washmn.org/about/> (Acesso em 18/03/2025).

⁴Consultar <https://amusearte.hypotheses.org/6594> (Acesso em 18/03/2025).

⁵Consultar <https://www.lechappee-colombie.fr/post/la-comuna-13-symbole-de-renouveau> (Acesso em 18/03/2025).

visualizados por aplicativos como os QR Codes. Os murais da campanha *Education is Not a Crime*⁶ em Nova York, EUA, contam histórias de direitos humanos através dessa realidade aumentada.

Também tentam ser mais ecológicos, através da utilização de tintas adequadas, por exemplo as que absorvem CO₂, como no mural *Smog-Eating Mural*⁷ localizado na Cidade do México e pintado com tinta *Airlite*. O projeto *Green Graffiti* é outro exemplo, pois são artistas que usam musgo em vez de tinta, criando murais vivos e ecológicos⁸.

Já existe bastante bibliografia sobre este tema e até já foram definidas normas gerais para a criação e manutenção de murais exteriores, nomeadamente as do *Canadian Conservation Institute* e criados vários *muraltoolkits* para a produção e manutenção de murais comunitários, mas ainda estava em falta algo que se aplicasse ao caso em estudo, os murais de Riachos.

Riachos é uma vila localizada no Concelho de Torres Novas, Distrito de Santarém, onde a cada quatro anos se realiza a Festa da Benção do Gado, a qual, enquanto tradição rural, salienta a matriz identificadora de Riachos, das suas gentes e das suas raízes⁹. Consolidou-se como herança comunitária, promovendo o sentido de participação, constituindo-se nos nossos dias como um dos rituais populares mais característicos da região (FIGUEIRA 2022, p. 76).

Os primeiros murais de Riachos foram pintados em 2012, idealizados como mais um dos elementos decorativos da edição desse ano da Festa da Benção do Gado. Foram o resultado de uma iniciativa comunitária que visava sobretudo consagrar as características específicas daquela zona, estreitamente ligada à agricultura. Ainda que possam ter sido idealizados apenas para aquele ano, o certo é que em 2016 voltaram a ser uma das atrações da Festa, tendo os moradores solicitado que fossem restaurados e tendo ainda sido criados alguns novos. A sua permanência até aos nossos dias transformou-os em objeto de estudo, nomeadamente através do Projeto MurArte - “Documentação dos Murais de Riachos com vista à sua preservação sustentável”¹⁰. Mas essa permanência também levantou uma

⁶Consultar <https://themarkaz.org/the-murals-of-education-is-not-a-crime/> (Acesso em 18/03/2025).

⁷Consultar <https://news.ucr.edu/articles/2023/09/29/help-create-ucrs-new-mural-smog-eating-paint> (Acesso em 19/03/2024).

⁸Consultar <https://followthecolours.com.br/grafite-de-musgo-anna-garforth/> (Acesso em 19/03/2025).

⁹Consultar bencaodogado.pt, (Acesso em 24/09/2024).

¹⁰ Embora seja alvo de posterior desenvolvimento, cabe desde já referir que o Projeto MurArte consistiu numa investigação interdisciplinar realizada entre 2021 e 2023 por uma equipa de investigadores do TECHN&ART, Centro de Investigação do Instituto Politécnico de Tomar, que pretendeu documentar os Murais de Riachos procurando a compreensão do recurso, fornecendo o contexto social que lhe deu origem e as bases para a sua preservação. Consultar: http://www.techneart.ipt.pt/murarte/pt/o_projeto/ (Acesso em 27/03/2025).

questão fulcral, a da sua conservação, sob pena de a sua contínua degradação ter consequências opostas às pretendidas, deixando de engalanar a povoação e constituindo-se em fator de degradação urbana (NUNO et al. 2023, pp.11-23).

No seu âmbito foram estabelecidas as bases para a definição de uma política de documentação dos murais, tendo os procedimentos para a sua catalogação sido discutidos e propostos no âmbito de um trabalho de projeto de mestrado em Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulado “Os murais de Riachos: Proposta de projeto para a documentação” da autoria de Beatriz Oliveira. Este trabalho de mestrado, apresentou uma proposta de plano de documentação e inventário, tendo estabelecido “enquanto ponto de partida para este projeto a definição e objetivo da inventariação. Compreende-se o inventário, portanto, não com a finalidade de auxiliar a conservação e o restauro, mas como ferramenta para manutenção de uma memória coletiva partilhada entre o saber fazer (forma) e a representação (conteúdo)” (OLIVEIRA 2022, p.47) .

Apesar de já terem sido tomadas medidas para a preservação da memória que estes murais constituem e de já existirem as bases para a sua conservação, estavam ainda em falta normas orientadoras que visassem a sua preservação física sendo neste contexto que surge este trabalho. Nesse sentido, os objetivos definidos foram a elaboração de dois documentos orientadores que visam a conservação deste conjunto de murais comunitários, sendo que daí resultou a necessidade de previamente compreender o seu historial e o seu significado cultural para a comunidade, constituindo um outro objetivo.

Uma vez que estes murais são o resultado de uma iniciativa comunitária e a sua preservação passa pela ação da comunidade, o protocolo de monitorização apresentado neste trabalho de projeto tem como condição essencial a de manter o carácter comunitário que presidiu à sua feitura e o guia para a criação de novos murais proposto tem uma metodologia simples, com recomendações que visam igualmente a sua preservação.

A metodologia adotada passou pela consulta bibliográfica dos trabalhos de investigação já feitos, com o objetivo de apurar os elementos relevantes já existentes, a consulta de bibliografia chave do ponto de vista técnico e de revistas, artigos e publicações mais recentes que se dedicam aos murais. Foram realizadas visitas ao Museu Agrícola de Riachos e consultas junto dos responsáveis do mesmo, visitas ao local para conhecimento direto, o registo fotográfico de todos os murais com vista a documentar possíveis sinais de deterioração e o seu posterior mapeamento em *Adobe Photoshop*. Nestes mapeamentos foi feita uma avaliação qualitativa, na medida em que estes murais

são valorizados pela sua função de suporte de uma mensagem iconográfica e quando o estado de conservação não permite perceber a pintura, ou seja, a mensagem, a finalidade do mural é posta em causa (NUNO et al. 2023, p.20).

Este trabalho de projeto desenvolve-se ao longo de três capítulos e quatro anexos. No capítulo I está a caracterização de Riachos, da região agrícola em que se insere e os traços distintivos daí resultantes. As suas celebrações e festividades, as principais atividades da população, bem como o seu sentido de comunidade e espírito associativo, são todos aspetos relevantes que permitem contextualizar o surgimento e a manutenção dos murais. Também se encontra a caracterização do Museu Agrícola de Riachos e a análise do seu papel na comunidade, sendo este último ponto especialmente relevante por se vir a considerar que o Museu deve ser o ponto focal do sistema de monitorização.

No capítulo II encontra-se uma caracterização dos murais de Riachos, da sua criação e do seu estado de conservação atual, para melhor compreender o que é necessário para a manutenção do seu conjunto. De forma a desenvolver este assunto são apresentados dois levantamentos em anexo (I e II), o do estado de conservação dos murais, onde se encontram os mapeamentos das alterações e o dos murais destruídos até a data.

No capítulo III apresentam-se os contributos deste trabalho, nomeadamente o protocolo de monitorização, acompanhado por fichas de trabalho que se encontram no anexo III e a proposta de um guia para a produção de novos murais direcionado para a comunidade, com a brochura correspondente no anexo IV.

CAPÍTULO I - Riachos

1. Caracterização

A povoação então chamada Riacho terá surgido no reinado de D. Manuel I (1495-1521) como resultado da união de duas antigas povoações: Toxa ou Tocha e Currais ou Casais de Riacho. Os moradores terão começado a fixar-se nos finais do séc. XVI, época à qual pertencem os primeiros registos paroquiais em que são mencionados indivíduos de Riacho. A capela da povoação terá sido inaugurada em 1790, ainda que existam registos de ali terem ocorrido celebrações em 1747. Em 1919 é apresentada pelos habitantes uma petição ao Patriarcado de Lisboa para a criação da Paróquia de Riachos, na qual se refere existirem 800 fogos e para cima de 3 mil habitantes. Em 1923 é estabelecida a Freguesia de Riachos¹¹, que em 1954 atingia os 4 mil habitantes, com um crescimento de 500 habitantes por decénio entre 1960 e 1980 (MARQUES 2014, p.109). Em 1984 Riachos é elevada a Vila¹² e atualmente ocupa uma área de 14,56 km², povoada por 4986 habitantes e está localizada no Concelho de Torres Novas, Distrito de Santarém¹³.

A grande força da economia de Riachos foi a agricultura, ainda que a partir da segunda metade do séc. XX a indústria e o comércio se tenham vindo juntar, com a mesma força e dinamismo que já caracterizava a atividade agrícola. Já em 1954 existiam 31 fábricas e unidades transformadoras em Riachos, para além da produção agrícola e da criação de gado. Em 1977 foi feita a mesma avaliação, indicando uma pujança económica manifestada quer através da lavoura – 345 máquinas agrícolas – quer através das grandes empresas que empregavam centenas de trabalhadores – “Torrejana”, produção de azeite; “Unital”, concentrado de tomate; “Lusitana”, destilação alcoólica; “Luz & Irmão”, transportes e comercialização de pescado (MARTINS 2014, pp.112-113).

As últimas décadas mostram um deslocamento da mão-de-obra para o setor terciário, à semelhança do que se verificou em todo o país, realidade à qual não são alheias a mecanização da agricultura e a concentração urbana. No entanto, a agricultura em Riachos continua a ter preponderância e a ser uma atividade económica muito relevante (MARTINS 2014, p.112). A sua inserção numa das regiões agrícolas mais importantes e

¹¹Lei 1470, 28 de agosto de 1923.

¹²Lei 8/84, 28 de junho.

¹³Consultar https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21 (Acesso em 14/04/2025).

com maior potencial do país, o Norte do Vale do Tejo, assim o justifica. E se algumas daquelas grandes empresas fecharam as suas portas, outras as vieram substituir, como por exemplo “Hugo José Silva Vieira”¹⁴, cerealicultura; “Rama”¹⁵, panificação, ambas ligadas à agricultura.

Não será assim de estranhar que Riachos tenha mantido uma identidade rural, com usos, costumes, tradições e rituais ligados às diversas atividades agrícolas (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.403) apesar de não possuir património artístico que traduza essa realidade. A própria igreja setecentista, primeira sede paroquial, acabou por ser demolida e substituída em 1948 por um edifício de betão. Esta ausência de património edificado tornou-se uma preocupação recorrente na atual comunidade riachense, temerosa de ver desaparecer os traços e vestígios patrimoniais relevantes para a história e para a marca rural e agrícola da sua terra (MARTINS 2014, p.116). Mas a sua perseverança em procurar associar-se para defender e preservar a matriz rural tem vindo a produzir resultados relevantes, permitindo-lhe manter o seu acervo de tradições.

Releva aqui o espírito associativo, porventura a faceta de Riachos em que reside a grande força gregária e coletiva da terra, constituindo como que a sua imagem de marca e conferindo-lhe uma potencialidade acrescentada em termos de desenvolvimento local. E esta força associativa – em que se aponta a existência de uma coletividade para cada 60 famílias – tem já longo caminho no tempo, como o demonstram as diversas Irmandades de cariz religioso e a sua mais antiga coletividade, “Os Cingeleiros”, cuja origem parece remontar aos séc. XII ou XIII (MARTINS 2014, p. 123).

Os levantamentos já efetuados demonstram essa matriz associativa de Riachos através do elenco de 28 associações existentes, ainda que algumas já inativas. Encontram-se entre elas a Associação Cultural de Saberes e Artes “Paralelo 39” (arte, cultura e saber); a Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural da Região de Riachos (defesa do património); a Associação da Festa da Benção do Gado (realização da Festa da Benção do Gado); o Núcleo de Artes de Riachos (artes plásticas, decorativas, performativas e culturais) (MARTINS 2014, pp. 120-121).

¹⁴ Consultar <https://pt.kompass.com/c/hugo-jose-silva-vieira-unipessoal-lda/ptnci24203315/> (Acesso em 23/09/2024)

¹⁵ Consultar <https://pt.kompass.com/c/rama-unipessoal-lda/ptnci24387372/> (Acesso em 23/09/2024)

2. A Festa da Benção do Gado

Segundo a lenda, numa manhã de maio dos séc. XII ou XIII andava um grupo de lavradores a arar as suas courelas nos campos do Espargal, quando os bois que puxavam o arado ajoelharam em determinado local. A relha do arado tinha ficado presa num obstáculo que impedia o seu avanço, vindo os lavradores a verificar que se tratava de um túmulo em alvenaria. No interior do mesmo encontraram uma imagem em madeira de Jesus Cristo crucificado, que ficou conhecida como Senhor Jesus dos Lavradores¹⁶. Foi entregue na Igreja de Santiago, em Torres Novas e ainda hoje é objeto de grande culto e devoção pelos riachenses. Como recompensa, aqueles lavradores receberam da sede do Concelho uma pequena imagem, também em madeira, a que chamaram Menino Deus¹⁷.

A Festa da Benção do Gado, por sua vez, constitui uma tradição rural cuja origem se perde na memória dos tempos e salienta a matriz identificadora de Riachos, das suas gentes e das suas raízes¹⁸. Para compreender a forma como atualmente é organizada devemos remontar ao início do séc. XX, altura em que se sabe realizarem-se cinco manifestações religiosas que traduziam a devoção dos camponeses e agricultores que constituíam a larga maioria da população de Riachos: as Festas de Nossa Senhora do Rosário, em maio, as de S. Silvestre, de Santo António e do Menino Deus, coincidente com a Festa do Corpo de Deus, e a do Santíssimo Sacramento, em outubro.

No decurso de uma campanha a favor da criação da Freguesia de Riachos, consideraram os seus promotores que seria mais adequado unificar algumas dessas Festas, tendo em conta a proximidade das mesmas e o desgaste que causavam a nível logístico, financeiro e humano. E em junho de 1909 concretizaram a junção das Festas do Menino Deus e de S. Silvestre – patrono do cingeleiro, o condutor das juntas de bois, e durante a qual se realizava a cerimónia da “bênção do gado”, uma iniciativa da Sociedade “Os Cingeleiros” (MARTINS 2014, p.265).

A FBG passou a realizar-se regularmente, normalmente em junho, mas também ocasionalmente em maio ou julho, antes das colheitas de Verão. Em 1937 realizou-se aquela que terá sido uma das suas mais marcantes edições, por ocasião de dois acontecimentos relevantes para Riachos: as inaugurações da luz elétrica e da Casa do

¹⁶Consultar <https://mediotejo.net/bencao-do-gado-a-festa-que-os-lavradores-ofereceram-a-riachos/> (Acesso em 30/09/2024).

¹⁷Consultar bencaodogado.pt (Acesso em 24/09/2024).

¹⁸Consultar bencaodogado.pt (Acesso em 24/09/2024).

Povo. Mas só voltou a realizar-se em 1953, o que se pode ter devido a um conjunto de acontecimentos associados entre si: a crise económica e social que o país enfrentava, a guerra civil espanhola, a segunda guerra mundial e um endurecer do regime político então vigente (MARTINS 2014, p.266). 1966 também marcou um dos seus momentos mais importantes, pois foi a partir desse ano que a FBG passou a integrar a imagem do Senhor Jesus dos Lavradores, entrelaçando a lenda e a religiosidade popular¹⁹. A grandiosidade da festa, a sua enorme expressão simultaneamente religiosa e pagã e a mobilização popular em seu torno fizeram dela o grande emblema de Riachos. Mas os enormes encargos que acarretava tornaram-na difícil de realizar e no resto do séc. XX apenas ocorreu em 1973, 1985 e 1993.

Em 2000 foi criada a Associação da Festa da Benção do Gado, com a finalidade de assegurar a continuidade da FBG, já que a Sociedade “Os Cingeleiros” perdera expressão ativa. Passou a realizar-se a cada quatro anos e com o apoio da Câmara Municipal de Torres Novas, que a inclui nos seus roteiros turísticos e promocionais. Pese a modernidade dos tempos, a Festa mantém as componentes bairrista e religiosa de sempre, como se conclui dos seus dois momentos altos; a Procissão do Senhor Jesus dos Lavradores e o Cortejo da Benção (MARTINS 2014, p.266) ²⁰. Consolidou-se como herança comunitária, promovendo o sentido de participação, constituindo-se nos nossos dias como um dos rituais populares mais característicos da região (FIGUEIRA 2022, p.76).

3. O Museu Agrícola de Riachos

A ideia de ser criado um museu agrícola em Riachos terá surgido ainda na primeira metade do séc. XX, com o objetivo de manter vivas as tradições rurais através do preservar das alfaías agrícolas, ficando desde essa época traçada a matriz do que viria a ser o museu, com uma interligação entre a ruralidade e a sua história, por um lado, e a comunidade e a sua cultura, por outro (MARTINS 2014, p.126).

A primeira referência escrita que concretiza esta ideia surge em 1954, alargando o seu âmbito para incluir não só as alfaías agrícolas, mas também o vestuário típico da região. Em 1966 foi dado um passo decisivo para aquele objetivo com a realização de uma exposição de alfaías agrícolas em desuso inserida na FBG, tendo aquela sido

¹⁹Consultar bencaodogado.pt, (Acesso em 24/09/2024).

²⁰Consultar <https://mediotejo.net/bencao-do-gado-a-festa-que-os-lavadores-ofereceram-a-riachos/> (Acesso em 30/09/2024).

apontada, devido ao seu êxito, como o possível arranque para a fundação do pretendido Museu Agrícola de Riachos. Ainda que unida nesse objetivo, a população de Riachos dividiu-se quanto à melhor abordagem para o alcançar. Um grupo marcadamente de caráter associativo e liderado por membros do Rancho Folclórico de Riachos, à data pertencente à Casa do Povo. Um segundo grupo, mais personalizado, encabeçado pelo advogado e empresário agrícola José Marques, detentor de um valioso espólio relativo à vida agrícola na região. Na FBG de 1973 cada um destes grupos reforça a sua atividade em prol da criação do futuro museu. A Sociedade dos Cingeleiros, apoiada por elementos ligados quer à organização da festa quer ao Rancho Folclórico, volta a organizar uma exposição de alfaia agrícola de outros tempos e que constituiu um sucesso. José Marques, por sua vez, revela a vontade de confiar o seu riquíssimo espólio a um museu que viesse a ser instalado em Riachos.

Foi na FBG de 1985 que todos se juntaram. No âmbito dela foi realizada uma exposição de antigas alfaia agrícolas no antigo lagar de azeite propriedade de José Marques, já parado mas com todo o seu espólio montado. Conjugadas todas as vontades para a fundação do museu, reunida uma importante e já assinalável coleção e encontrado o lugar certo para o instalar, faltava apenas formalizar a existência de uma entidade associativa que assegurasse a posse oficial do nascente museu (MARTINS 2014, p.126).

Em 9 de maio de 1986 veio a ser lavrada escritura pública, através da qual se constituía a Associação para a Defesa do Património Histórico e Natural de Riachos. Esse objetivo, que o nome traduz, de defesa do património histórico e natural espraiava-se por diversas componentes, designadamente: a) Desenvolver estudos e apoiar ações que visem defender e valorizar o meio natural; b) Salvar e valorizar os aspetos monumentais, artísticos, etnográficos e culturais da vila e da região, assim como o seu estudo e investigação; c) Contribuir para a elaboração de um inventário e de uma carta do património regional; d) Implementar a constituição de um museu etnográfico e de uma biblioteca²¹. A ADPHNR surgiu de uma necessidade sentida de preservar os símbolos de uma vivência passada e nos meses seguintes muitas outras pessoas anónimas de Riachos se associaram ao projeto, criando um imparável movimento popular de angariação de peças e objetos de cariz museológico e etnográfico, capazes de figurar com dignidade no Museu. Entre 1986 e 1989 o projeto materializou-se e o MAR foi instalado no edifício do velho lagar e no pátio agrícola de José Marques, após obras de restauro de grande

²¹DR-III, nº 153, 07/07/1986.

envergadura. Finalmente, em 30 de setembro de 1989, quase quatro décadas decorridas sobre o nascer do sonho, Riachos assistiu à inauguração do seu museu agrícola (MARTINS 2014, p.128).

O MAR está situado na Rua Dr. José Marques, n.º 14, em Riachos. É de fácil localização, pois situa-se muito próximo do centro urbano de Riachos (MARTINS 2014, p.133). Assume um caráter de museu rural e comunitário, sendo de referir, enquanto enquadramento, a sua inclusão no Projeto EU-LAC-MUSEUMS²².

É um museu representativo da vida de uma comunidade rural e procura ser assumidamente um museu comunitário, também através da dinâmica e da interação que procura estabelecer com a comunidade. E fá-lo por meio de ações que realiza no âmbito do Plano de Atividades, quer dinamizando grupos de colaboradores que participam ativamente no Museu quer organizando participações no exterior, onde se destacam: Os Boieiros, Os Artesãos (Oficinas Pedagógicas), as Camponesas de Riachos e ainda outros colaboradores que contam histórias/testemunhos do passado. É motivo de reflexão a autoestima que esta colaboração na dinâmica do MAR promove para pessoas que no passado trabalharam no campo e noutros ofícios tradicionais. Esta colaboração é ainda uma mais-valia para as crianças e jovens que, visitando o MAR e trabalhando nas oficinas com estas pessoas, não só aprendem sobre o passado, como também olham para os mais velhos com respeito pela sua cultura²³.

A respetiva ficha do Projeto dá uma caracterização geral do MAR, a saber: a) reúne um riquíssimo espólio representativo dos vários aspetos da ruralidade que marcou o modo de vida tradicional das gentes riachenses; b) o Projeto Museológico tem como pilares três Serviços: Serviços de Museologia e Museografia, Serviços de Conservação e Restauro e Serviços Educativos; c) assume também grande importância o Centro de Documentação na dinâmica e articulação dos Serviços referenciados e onde se encontra arquivada e organizada para estudo e consulta a documentação que esses Serviços recolhem e

²²O Projeto EU -LAC-MUSEUMS é um consórcio de académicos, profissionais de museus que trabalham na Escócia, Portugal, Espanha, França, Peru, Chile, Costa Rica e Índias Ocidentais empenhados com a museologia comunitária a fazer a diferença no mundo. EU -LAC-MUSEUMS foi concebido sob os auspícios do ICOM – Conselho Internacional de Museus, em 2014. Tem um financiamento do programa Horizon 202 da União Europeia e foi previsto decorrer de 2016 a 2020. O objetivo desta investigação é o de proporcionar um melhor entendimento da dimensão cultural, científica e social da relação entre a UE (União Europeia) e LAC (América Latina e Caraíbas), apoiando assim o processo de cooperação EU-CELAC delineado pelo Plano de Ação de EU-CELAC na definição de uma visão comum para os próximos anos. Pretende levar a cabo uma análise histórica e teórica comparativa dos museus rurais de pequena e média dimensão, e ainda das comunidades a eles associadas na EU e LAC. Consultar <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=5052> (Acesso em 1/10/2024).

²³ Consultar ficha de projeto do eulacmuseums.net (Acesso em 29/9/2024).

compilam. Procura ainda ter disponível bibliografia e informação que permita apoiar investigadores e alunos que procurem o Museu, sobretudo nas áreas da etnografia e do património local.

A estrutura física do MAR está instalada num edifício composto por três naves e por um pátio parcialmente coberto e é constituída por uma exposição permanente, um espaço para as exposições temporárias (seis a dez anuais), uma loja, um auditório (espaço multiusos), um laboratório de Fotografia, um espaço dedicado às designadas Oficinas Pedagógicas e de Conservação e Restauro, um espaço dedicado à tertúlia – a Taberna do Boieiro, um Centro de Documentação e o secretariado (MARQUES 2014, p.111).

O acervo museológico e etnográfico é constituído por mais de milhar e meio de peças em exposição e mais umas dezenas em oficina ou armazém, para reparação ou manutenção. Uma parte substancial continua a ser pertença dos próprios donos, que cederam ao MAR a sua permanência, guarda e manutenção, autorizando a exposição ao público (MARTINS 2014, p.144). Este acervo está organizado em coleções que, no seu conjunto, procuram representar a atividade agrícola que marcava o modo de vida tradicional da população e correspondem a painéis expositivos que se espalham pelas diferentes salas: O Cingeleiro; O Mulateiro; Gadanheiros e Valadores; A Horta; O Figo; Pesos e Medidas; A Água; A Agrimensura; O Trajo; Sala José Fonseca (Miniaturas Agrícolas); A Cozinha; Sala das Profissões (Barbeiro; Carpinteiro; Oleiro; Sapateiro; Técnicas de Construção de Arquitetura Popular): Os Transportes; A Eira (MARQUES 2014, Anexo VII).

O MAR é tutelado pela APDPHNR (resultante da evolução da Associação para a Defesa do Património de Riachos) e está sob a orientação de um Diretor Técnico, coadjuvado por um Técnico Superior (FIGUEIRA 2022, p.77). Desde a sua inauguração tem celebrado protocolos com diversas entidades locais e regionais (MARQUES 2014, p.107).

A relação do MAR com os seus diversos públicos-alvo ultrapassa a falta de Quadro de Pessoal e do Orçamento Anual. A comparticipação financeira do Município de Torres Novas sustenta parte reduzida dos custos de funcionamento. Os estagiários são capital humano atenuador do problema, não sendo solução. A parte financeira de organização de eventos e trabalho técnico e científico decorre a expensas da APDPHNR e do MAR (FIGUEIRA 2022, p.78).

CAPÍTULO II – Os Murais Comunitários

1. Criação e caracterização

Na edição de 2008 da FBG, os moradores do Bairro de Santo António, em Riachos, decoraram as suas ruas com girassóis em vasos que foram motivo de muitos elogios. Na edição de 2012, procuraram uma decoração original e pediram ao NAR a pintura de uma parede a retratar a lenda do achamento da imagem do Senhor Jesus dos Lavradores. Pereira Jorge, o diretor do NAR, não só concordou com aquele pedido como desenvolveu a ideia inicial de forma a que, em suportes idênticos, fossem também pintadas outras cenas evocativas das tradições de Riachos. Esta campanha mobilizou cerca de 20 pintores que produziram cerca de 40 murais (NUNO et al. 2023, p.11).

Todos os pintores que participaram pertenciam ao NAR e a sua experiência resultava dos ateliers de pintura ali realizados, dedicados à pintura de cavalete e não à pintura mural, e muito poucos tinham qualquer outra formação técnica ou artística. Foi um processo moroso pois vários autores estavam apenas disponíveis ao fim do dia, depois do trabalho, e aos fins-de-semana e alguns sentiram dificuldades em pintar no exterior com temperaturas elevadas²⁴. Embora cada um dos pintores assumisse a autoria do mural ou murais que realizou, assinando e por vezes até os datando, o longo período de execução dos mesmos, a sua exposição pública durante esse período e a conjugação das aptidões pessoais com as exigências de cada uma das cenas retratadas resultaram num certo grau de colaboração entre eles (NUNO et al. 2023, p.16). Foram estes pintores que estabeleceram o critério para os temas a que os murais deveriam aludir: “a etnografia da terra, os usos e costumes, as memórias de antigamente”. Além da lenda do Senhor Jesus (figura 1), foram pintadas cenas evocativas de costumes ribatejanos (largada de toiros, fandango, campinos), de trabalhos agrícolas e rurais (pastores, gadanhheiro, poceiro, lavadeiras no rio, sapateiro (figura 2), o ciclo do pão, vindima, o cânhamo, apanha da azeitona) e do ambiente tradicional riachense (taberna, procissão, igreja velha (figura 3), miúdos a brincar e a roubar fruta) (NUNO et al. 2023, p.11).

24) Uma das pintoras, Teresa Lopes, afirmou: “Fazia muito calor. Eu pintava ao final da tarde, aos domingos e nos dias de folga. O meu parceiro de pintura na altura estava fora, mas deu-me orientações, por isso fiz à minha maneira, tal como sentia.” (NUNO e al. 2023, p.16).

Estes temas foram desenvolvidos de forma livre e muitos dos murais foram trabalhados em co-autoria, com uma divisão de tarefas que foi desde a preparação dos suportes e a pintura de alguns fundos até à elaboração dos detalhes, nomeadamente nas representações figurativas. Esta liberdade na execução foi possível devido ao prévio trabalho de organização desenvolvido pelo NAR, que procedeu à distribuição dos temas pelos artistas e pelos suportes disponíveis. Um dos exemplos da intencionalidade na organização dos temas é o caso de uma sequência de oito murais relativos ao trigo, onde se podem ver as suas diferentes fases, desde a lavoura com bois, a sementeira e a ceifa, até à representação da cozedura do pão no forno caseiro – parte deste conjunto desapareceu por necessidade de construção de uma nova habitação, restando apenas o primeiro e os dois últimos painéis desta sequência (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.404).



Figura 1: Representação da Lenda do Senhor Jesus; Autor: MPL; Data: 2012



Figura 2: Sapateiro; Autor: MPL; Data: 2012



Figura 3: Igreja velha; Autor: ZM; Data: 2012

Na edição seguinte da FBG, em 2016, duas circunstâncias contribuíram para o desenvolvimento da ideia da criação de novos murais. Desde logo porque a grande maioria dos murais de 2012 ainda existia e com uma ampla aceitação por parte da comunidade e dos visitantes da FBG. Mas também porque Pereira Jorge, diretor do NAR e grande impulsionador de ideia e da campanha de 2012, fazia parte da comissão organizadora, com uma maior capacidade de intervenção. Foi possível preparar uma campanha de pintura mais organizada, nomeadamente quanto à escolha dos locais e dos temas. Foram escolhidos locais mais centrais e de maior exposição nos percursos em direção ao jardim da vila, o principal recinto da FBG, com maior concentração no largo principal de Riachos e junto às instalações do MAR / NAR. Manteve-se o critério da etnografia riachense, mas com quadros mais elaborados nos temas e na forma como foram tratados, como cenas de namoro (figura 4) e trabalhos com uma maior presença de figuras, como a descamisada (NUNO et al. 2023, p.13).



Figura 4: Cenas de namoro; Autor: L. Carmo e Walter Reis; Data: 2016

Nesta edição procedeu-se também ao repinte de alguns murais da campanha de 2012 e à adição de novos elementos, porque os autores se lembraram de algo ou alguém disse que faltava algo, sendo que nem sempre foi o mesmo autor que pintou e repintou. Também se avançou com a representação de personalidades em espaços com os quais tinham uma forte ligação. É o caso da representação de um proprietário na parede do seu antigo lagar ou o caso da homenagem ao Dr. José Marques, advogado e proprietário agrícola, que foi representado na fachada do MAR (figura 5), instalado num antigo lagar por ele cedido e localizado na rua que tem o seu nome. Igualmente existe um mural localizado no largo da Casa do Povo, atualmente sede do Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos, no qual são representados o fundador e três das figuras mais célebres da sua história, bem como alguns dos bailarinos e instrumentistas mais recentes, reconhecíveis na pintura (figura 6) (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.404).



Figura 5: Representação de Dr. José Marques; Autor: ZM; Data: 2016



Figura 6: Homenagem ao Rancho folclórico "os Camponeses"; Autor: Zé Manel Triquinho; Data: 2016

Para além desta programação concertada com os artistas do NAR, surgiu de forma espontânea um conjunto de murais na Rua Menino de Deus. São vários, pintados essencialmente em muros e fachadas de casas devolutas e com a mesma temática: a taberna, o campino, a mulher que vai à fonte, entre outras. O estado de conservação dos suportes torna algumas cenas quase impercetíveis e todos se caracterizam por uma composição *naif* e muito simples, desprovida de perspetiva e com uma pincelada grosseira e pouco detalhada²⁵. Mas representam uma certa espontaneidade na apropriação

25) Alguns autores aproveitaram as falhas de suporte inserindo-as no desenho. p.e. uma senhora desenhou uma gata perto de um buraco que estava na parede, como se a gata estivesse a caçar eventuais ratos que por ali passassem.

do espaço, integrando-se quer com os outros murais quer no contexto da FBG (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.404).

Um outro desenvolvimento relevante que se verificou em 2016 foi quanto à forma como os murais passaram a ser encarados. Em 2012 tinham sido considerados como uma forma de decorar o Bairro de Santo António para a edição desse ano da FBG e com o mesmo carácter efêmero desta. Foram por isso pintados sem grandes cuidados quanto à sua preservação futura. No entanto, o impacto dos murais na população foi maior do que se havia esperado e passaram a constituir um “repositório visual de memórias e tradições” e “um elemento catalisador da identidade local em espaço público”. Esta situação levou a que em 2016 já houvesse um maior cuidado na preparação das paredes e muros onde os murais iam ser pintados, com a intenção de os preservar para além do curto espaço de tempo de duração da FBG. Foram resolvidos os problemas encontrados a nível dos rebocos, por exemplo o preenchimento de fendas, houve uma pintura prévia desses suportes e foi mesmo aplicada uma camada de verniz sobre as pinturas executadas (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.403).

Devido à pandemia de COVID19, só em 2022 se voltou a realizar a FBG. Mas essa decisão foi tomada tardiamente e só após serem ultrapassadas divergências quanto à data, já que parte da comunidade defendia a sua realização em 2023 de forma a coincidir com o centenário da elevação de Riachos a freguesia. O NAR não organizou qualquer campanha para a criação de novos murais, resultando em apenas três pinturas e efetuadas por iniciativas privadas (NUNO et al. 2023, p.13).

Em 2020 foi realizado um inquérito junto da comunidade, através do qual se procurou determinar a sua perceção relativamente aos murais e melhor compreender a sua visão quanto à eventual preservação dos mesmos (TRIÃES e FERRAZ 2022, p.408). O inquérito abarcou um universo de 237 participantes, incluindo um número significativo de naturais de Riachos. Vários participantes afirmaram gostar ou gostar muito de ver os murais nas ruas de Riachos e que estes costumavam ser motivo de conversa com familiares, amigos ou conhecidos. O maior número de opiniões apontou os murais como motivo de orgulho, forma de identidade local e meio de divulgação da cultura local e vários participantes consideraram que deviam ser classificados como arte. Vários também consideraram que os murais podiam servir como motor de desenvolvimento local, aceitando a sua destruição apenas em casos de mau estado de conservação, para permitir uma nova construção ou quando o proprietário do local o entendesse. Concluiu-se ser evidente a importância atribuída aos murais por parte dos inquiridos, a sua dimensão

cultural e a sua inscrição no mapa de interesses da comunidade, a aceitação da sua finitude e do seu carácter efémero, uma obra dinâmica e sempre em mudança (NUNO et al. 2023, pp.20-21).

2. O projeto MurArte

O projeto MurArte – Documentação dos Murais de Riachos com vista à sua preservação sustentável foi um projeto de investigação do Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (TECHN&ART) do IPT, que se realizou entre janeiro de 2021 e agosto de 2023. Nasceu da vontade de contribuir para a definição de estratégias de preservação dos murais de Riachos e o trabalho foi desenvolvido por uma equipa multidisciplinar. As áreas científicas abrangidas foram as de conservação e restauro, museologia, comunicação, turismo cultural e do desenvolvimento local, antropologia e história. A abordagem metodológica adotada consistiu na integração de diversas ferramentas, utilizando uma perspetiva interdisciplinar que permitiu obter uma visão mais abrangente do tema (FERRAZ 2023, p.3).

A catalogação dos murais contribuiu para a sua contextualização dentro da visão que deles tinha a comunidade. Para a sua feitura combinaram-se a pesquisa histórica e documental, o inventário, o registo fotográfico e o mapeamento. Este trabalho de campo permitiu obter um arquivo de dados fundamental para a tomada de decisão quanto à preservação e utilização destes recursos. A utilização de formas de auto-documentação com entrevistas e inquérito aos envolvidos trouxe um espírito de autoria partilhada a esse arquivo documental. Além disso, a recolha de testemunhos e o registo audiovisual resultaram na realização de um documentário que permitirá à comunidade local rever-se no projeto, tornando significativa a sua contribuição para a construção da memória pública (FERRAZ 2023, pp.3-4).

A divulgação do projeto junto da comunidade em geral e da diáspora riachense, mas também junto da comunidade científica, permitiu ganhos de notoriedade para a cultura local, com projeção global. Estando os murais situados em paredes externas e sujeitos a vários agentes de deterioração, reconheceu-se que nem todos podem ou devem ser conservados e o projeto analisou o conceito de efemeridade, visando oferecer uma abordagem abrangente para o seu tratamento, não assente numa visão de perenidade mas antes como uma prática social dinâmica (FERRAZ 2023, pp.3-4).

Em termos de conclusões que podem ser retiradas do projeto MurArte e de maior

relevância para este trabalho podem-se apontar:

A comunidade riachense tem orgulho nos seus murais e reconhece-os, enquanto suportes de uma mensagem iconográfica, como parte integrante do seu património cultural e como elementos fundamentais para o estabelecimento da sua identidade cultural.

Sendo que os murais estão expostos aos agentes atmosféricos e a uma natural degradação, a comunidade entende o seu carácter efêmero e aceita a sua destruição por motivos válidos e feita com transparência e diálogo com autores e moradores.

A necessidade de envolver a comunidade, incluindo pintores, proprietários dos suportes, moradores, associações locais, o MAR e os decisores políticos no processo de preservação dos murais, designadamente: a) No acompanhamento permanente do estado de conservação dos murais e na identificação dos que devem ser objeto de ponderação quanto à sua preservação; b) Na tomada de decisão quanto a preservar ou não um determinado mural e, em caso afirmativo, que alterações devem ser feitas e por quem, uma vez que a multiplicidade de fatores envolvidos impede a definição prévia de critérios gerais para estas situações, c) Nas tarefas de preservação que forem decididas, procurando compensar, quando possível, as eventuais e prováveis lacunas em termos de recursos financeiros e técnicos (NUNO et al. 2023, pp.22-23).

3. Avaliação do estado de conservação

O murais comunitários têm como função embelezar o espaço onde estão inseridos, sendo que no caso dos murais de Riachos é valorizada a sua função enquanto suporte de uma mensagem iconográfica. Quando o estado de conservação não permite percecionar a pintura, ou seja, a mensagem, a finalidade do mural é posta em causa (NUNO et al. 2023, p.20). Tendo em vista os objetivos deste trabalho, a opção é proceder a uma avaliação qualitativa, de forma a identificar no suporte ou na imagem o que mais afeta a leitura desta.

Num primeiro momento é necessário definir critérios de avaliação que permitam determinar a extensão e a gravidade das alterações que afetam cada elemento (suporte e a camada pictórica). São dois os que vão ser utilizados: 1) O tipo de alteração e a sua extensão (destacamento de tinta é mais grave que fissuras); 2) A localização das alterações (num mural figurativo, uma lacuna na cara é mais grave do que uma lacuna na paisagem)

(PEDRO et al. 2009, p.64). A partir destes critérios e sempre no contexto do conjunto é possível construir a seguinte tabela:

Tabela 1: Tabela classificativa do estado de conservação adaptada de NUNES 2022, p.40

Estado de conservação	Especificações
Bom	Mural que está em boas condições, apenas com algumas alterações como fissuras, pouca colonização biológica e pouco destacamento da camada pictórica.
Razoável	Mural que contém alterações como fissuras, colonização biológica, empolamento e lacunas na camada pictórica em zonas não significativas.
Mau	Mural com alterações que põem em risco a integridade do suporte e a leitura da imagem (áreas grandes de lacuna ou em sítios chave da camada pictórica, desagregação do reboco e muito desvanecimento da cor).
Muito mau	Mural com alterações em estado avançado que resultaram numa perda total da imagem. Mural que perdeu a sua função.

Com base nestes critérios, a avaliação foi feita a 61 murais através da análise visual, sendo documentada com fotografia de cada um e o mapeamento das alterações encontradas. Num terceiro momento procedeu-se à comparação dos resultados obtidos com as conclusões da avaliação efetuada por Ricardo Triães e Ânia Chasqueira em 2022, no âmbito do Projeto MurArte, tendo em vista identificar a evolução das alterações e procurar especificar a sua evolução e respetivas causas. Procurou-se ainda identificar os murais que tivessem desaparecido e identificar as causas de tal situação.

Atualmente 29 murais apresentam um estado de conservação bom, 19 um estado razoável, 4 um estado mau e 6 um estado muito mau (Anexo I - Levantamento do Estado de Conservação). O facto de os murais estarem expostos à ação contínua dos fatores de deterioração faz com que nenhum deles esteja estável e as alterações estejam constantemente a acontecer.

Tabela 2: Estado de conservação dos murais

Data \ Estado	Bom	Razoável	Mau	Muito mau
2012	7	12	3	2
2016	18	7	1	4
2022	4	-	-	-

Os murais de 2012 com estado de conservação bom e muito mau foram todos repintados, com estado razoável foram repintados 9 e com estado mau foi 1.

Os revestimentos exteriores dos edifícios encontram-se sujeitos a inúmeras ações agressivas, devido a vários fatores físicos, mecânicos, químicos ou biológicos, que conduzem à sua degradação. Não obstante, as principais causas de deterioração dos suportes são, em geral, as mesmas que afetam a globalidade da estrutura edificada (TAVARES 2009, p.173).

As alterações encontradas a nível do suporte são maioritariamente resultantes da cristalização de sais por ascensão capilar, como por exemplo, a desagregação dos rebocos (figura 7), o aparecimento de fissuras e o destacamento da camada pictórica (figura 8), sendo esta última causada também por processos fotoquímicos degradativos. Em alguns murais detetam-se danos parciais nas paredes, resultantes de obras de manutenção ou reparação das mesmas. Em relação às alterações superficiais encontram-se em muitos murais fissuras na camada pictórica e em todos mudanças de cor, ambas provocadas pela ação da luz, água, ar e alguns agentes químicos (MARTINS e SILVA 2005, p.5).

Todos os murais apresentam desvanecimento da cor, sendo que nos executados em paredes viradas a sul, que sofrem mais exposição solar, o desvanecimento da cor é muito mais acentuado (figura 9). Já nas paredes viradas a norte, os murais apresentam uma maior concentração de colonização biológica, pois o suporte está mais húmido (figura 10). São visíveis grandes lacunas na camada pictórica, nos murais de 2012 e alguns de 2016 e em poucos murais, muito pontualmente, encontra-se abrasão e o empolamento da tinta.



Figura 7: Exemplo de desagregação do reboco; Autor: T. Roque; Data: 2016



Figura 8: Exemplo de grandes lacunas na camada pictórica; Autor: F.Gorjão e Tess; Data: 2012



Figura 9: Exemplo de desvanecimento da cor
Autor: Amélia Pinheiro; Data: 2012



Figura 10: Exemplo de colonização biológica; Autor: Zé Manel Triquinho; Data: 2016

Existem dois tipos de fatores que contribuíram para a deterioração dos murais, os fatores de ação natural e, com menos relevância, os de ação antrópica. Nos de ação natural os que têm mais peso são os fatores de ação físico-química e a sua relação com os materiais construtivos, sendo que também estão presentes alguns fatores biológicos (FERREIRA 2010, pp.16-18). Na tabela seguinte está a correlação das alterações e causas para cada tipo de alteração.

Tabela 3: Correlação de dados, tabela adaptada de FERREIRA 2010, p.12.

Correlação dos fatores e causas

ALTERAÇÃO	FATORES	CAUSA
Suporte		
Fissuras do reboco	Água Variações de temperatura Homem	Cristalização dos sais solúveis Demolições adjacentes Problemas estruturais Remodelações Falta de manutenção
Desagregação do reboco	Água Variações de temperatura	Cristalização dos sais solúveis Ciclos de gelo/degelo Sulfatos e sol. ácidas
Destacamento da camada pictórica	Radiação solar Água Variações de temperatura	Processos fotoquímicos degradativos Ciclos de gelo/degelo Microrganismos Cristalização de sais solúveis
Camada pictórica		
Fissuras	Radiação solar Água	Processos fotoquímicos degradativos
Desvanecimento da cor	Radiação solar	Processos fotoquímicos degradativos
Colonização biológica	Água	Infiltrações Humidade no ar
Empolamento	Água Variações de temperatura	Cristalização de sais solúveis Ciclos de gelo/degelo
Abrasão Sujidade superficial	Homem	Uso, remodelações

Comparando com a avaliação de 2022 percebe-se que as alterações são as mesmas, mas mais pronunciadas a cada ano que passa, o que irá resultar em certos casos numa perda total das imagens se não forem tomadas medidas de prevenção e conservação.

26



Figura 11: Cenas do ambiente Riachense; Autor: Olga Maria e Miguel Martim; Data: 2012



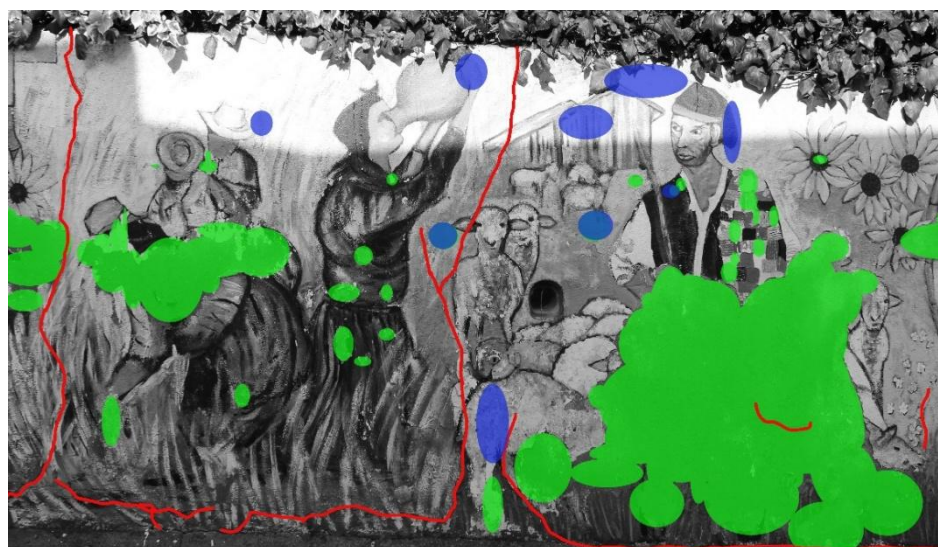
Figura 12: Fotografia do levantamento de 2024

Verificou-se ainda que alguns murais foram destruídos, uns porque foram pintados em casas velhas e abandonadas e os muros/paredes onde estavam foram demolidos, outros porque foram substituídos por novos murais. Houve a destruição de um muro para dar lugar a nova construção, outro que estava localizado numa moradia foi destruído durante a reparação de uma parede que tinha problemas de infiltrações e ainda alguns murais foram destruídos apenas pela vontade do proprietário. Até à data do levantamento de 2024 tinham sido destruídos 14 murais por ação antrópica direta (Anexo II - Levantamento Murais Destruídos).

²⁶Fotografia do levantamento do estado de conservação de 2022.



Figura 13: Mapeamento das alterações em 2022; Autor: F.Gorjão e Tess; Data: 2012



Legenda: Fissura  Lacuna na camada pictórica  Empolamento 

Figura 14: Mapeamento das alterações em 2024

²⁷ Mapeamento retirado do levantamento de 2022.

Os murais que apresentam mais alterações são os de 2012. Os de 2016 e de 2022 estão mais estáveis pois já houve, de uma forma generalizada, a preparação dos suportes o que criou uma espécie de barreira protetora entre o suporte e a camada pictórica, minimizando as alterações posteriores. Foi também aplicada uma camada protetora de verniz acrílico em alguns dos murais, o que evitou o aparecimento de colonização biológica e diminuiu o desvanecimento da cor (NUNO et al. 2023, p.17). Também é possível perceber que a orientação dos murais é muito importante devido à exposição solar e deve ser algo a ter em conta na escolha do suporte a pintar.

CAPÍTULO III – Preservação e criação dos murais: documentos orientadores

1. Considerações gerais

A conservação dos murais exige um acompanhamento regular do seu estado atual e uma necessidade permanente de tomada de decisões. Foi uma das conclusões do estudo que o projeto MurArte desenvolveu a propósito dos murais de Riachos, considerando que tal só é possível se o projeto dos murais for entendido como um projeto contínuo (NUNO et al. 2022, p.23).

É com o objetivo de apoiar esse acompanhamento regular que se apresenta uma proposta de protocolo de monitorização dos murais, com os respetivos documentos orientadores. Na elaboração desta proposta foram consideradas as conclusões da análise a que se procedeu nos capítulos anteriores, nomeadamente: a) O forte espírito associativo e colaborativo que a comunidade riachense demonstra; b) A assunção, por parte desta, dos murais enquanto uma das componentes do seu património cultural; c) Os murais entendidos como um conjunto, que pode ser variável nas suas componentes; d) A necessidade de garantir o seu envolvimento nas diversas fases do protocolo de monitorização.

O guia para a criação de murais surge como o complemento necessário às ações dirigidas para a sua preservação. O objetivo do protocolo de monitorização é constituído pelo conjunto dos murais de Riachos e não por cada um deles individualmente. Daqui decorre a necessidade de serem produzidos novos murais, seja como acrescento aos que já existem, seja em substituição de algum destes.

2. Protocolo de monitorização do estado de conservação dos murais de Riachos

O protocolo de monitorização consiste num conjunto de tarefas interligadas entre si, com o objetivo de manter atualizado e documentar o conhecimento relativo ao estado em que se encontram os murais de Riachos e respetivos suportes. E também de, com esse conhecimento, permitir a tomada de decisões quanto a possíveis ações de conservação ou restauro. Destina-se a ser aplicado por todos os envolvidos no projeto de preservação dos

murais de Riachos, ou seja, a comunidade, incluindo pintores, proprietários dos suportes, moradores, associações locais, o MAR e respetivos parceiros e os decisores políticos. A intervenção de cada um destes membros da comunidade será melhor explicitada ao apresentar cada uma das fases do protocolo.

Mas antes importa definir quem deve liderar a aplicação do protocolo de monitorização, uma vez que não existe uma organização formal que se encarregue do mesmo. As conclusões do projeto MurArte destacam “o papel que poderá caber ao MAR, um museu de comunidade, na definição de estratégias de gestão patrimonial destes murais” (NUNO et al. 2022, p.23). Também o retrato que foi feito do MAR no Capítulo I aponta nesse sentido – um museu comunitário, alberga o NAR, sede de tertúlias e com espaço para eventos, destacando-se ainda o saber técnico e científico de que dispõe, as parcerias em que participa e os protocolos que tem celebrado e, não menos importante, a sua capacidade de obter financiamentos. Deste modo, o desenvolvimento do protocolo de monitorização que se propõe pressupõe a liderança do MAR.

A proposta que se apresenta compõe-se de quatro fases: sensibilização, informação, análise e decisão.

Sensibilização

Esta fase reveste-se de particular importância e tem como objetivo mobilizar todos os parceiros já identificados para a aplicação do protocolo de monitorização dos murais. Abarca o conjunto e não cada um dos murais individualizado e deve ser executada de forma contínua. Distingue-se por isso das restantes fases que compõem o ciclo de monitorização de cada mural e que, observando o conjunto, se podem apresentar sobrepostas: enquanto um mural está na fase de avaliação, outro pode estar na fase de execução.

Mas se deve ser executada de forma contínua, também deve ser esta fase a dar início à aplicação do protocolo de monitorização, através da realização de um evento para apresentação do mesmo. Para além do MAR, como organizador, esse evento deverá incluir as associações, os pintores, os proprietários dos suportes, as entidades com as quais o MAR tem parcerias e protocolos, os decisores políticos, os moradores dos bairros onde se localizam os murais e a comunidade em geral.

Nesta apresentação deve ser salientado o carácter permanente de aplicação do protocolo de monitorização dos murais, enquanto única forma de os mesmos se

apresentarem capazes nas alturas de celebração, designadamente a FBG, mas igualmente como única forma de manterem a sua capacidade de transmitir as imagens relativas à etnografia local, aos seus usos e costumes, o que constitui o seu objetivo último.

Na continuação da aplicação do protocolo devem ser utilizados todos os recursos disponíveis para sensibilizar os parceiros, incluindo o recurso às redes sociais, visitas guiadas, reuniões para informar do restauro de algum mural ou da criação de um novo, exposições de fotografias dos murais em lugares públicos que a tal se adequem como a JFR ou a própria CMTN, convites à comunicação social para reportagens e até a comunicação informal entre os membros da comunidade.

Informação

Nesta fase procura-se documentar o estado de conservação de cada mural, bem como todos os fatores que possam ser relevantes para a sua conservação, incluindo os que respeitam ao respetivo suporte. O que se pretende é ter uma informação constantemente atualizada, embora devam ser consideradas as dificuldades em atingir esse objetivo mesmo com uma comunidade sensibilizada para a aplicação do protocolo de monitorização. As parcerias com escolas, visitas organizadas aos murais e os estudantes que fazem os seus estágios no MAR podem ser um contributo relevante para a recolha da informação necessária a uma atualização anual relativa ao estado de conservação dos murais, o que se apresenta como um objetivo exequível.

Cabe ao MAR ser o recetáculo e sede dessa informação, atendendo às suas características de ponto central para a comunidade envolvida nos temas culturais e etnográficos. Toda esta informação que documenta o estado de conservação dos murais deve ser organizada numa base de dados em suporte digital, correspondendo a cada mural uma ficha composta pelos seguintes campos: a) localização; b) título que lhe foi atribuído ou pelo qual é conhecido, nos casos em que existe; c) tema; d) autor ou autores, dado os murais terem geralmente várias autorias; e) datas relevantes na sua execução; f) se foi ou não repintado e, em caso afirmativo, quais as datas mais relevantes desse repinte; g) orientação do suporte; h) caracterização do suporte, incluindo o tipo de propriedade de que o mesmo é objeto.

Sugere-se que estas fichas sejam preenchidas, pelo menos inicialmente, por estudantes que frequentem estágios no MAR e, procurando simplificar em termos de tempo e de trabalho, sugere-se também que se recorra ao levantamento do estado de

conservação dos murais efetuado no âmbito deste trabalho e que se procurou documentar em termos que facilitem a sua utilização para a abertura das fichas. Estas devem ser atualizadas posteriormente, sempre que nova informação pertinente seja recolhida e constituem a âncora do sistema a estabelecer pelo protocolo de monitorização, constituindo o documento de identificação de cada mural, enquanto a sua organização em base de dados permite também a visão global do conjunto (Anexo III – Ficha 1).

Análise

Nesta fase pretende-se apurar, através da análise da informação recolhida, se é necessária uma decisão quanto a um determinado mural. Não se está a prever uma análise sob a perspetiva das técnicas de conservação e restauro, mas sim uma análise que visa apurar se o estado de um determinado mural ou do seu suporte exigem uma tomada de decisão quanto ao que pode ser feito relativamente a essa situação.

Tendo em vista que os recursos humanos disponíveis serão provavelmente os mesmos que identificámos na fase da Informação, alunos das escolas e estagiários no MAR, será adequado procurar tipificar previamente as situações que motivem a passagem à fase de Decisão. Sem prejuízo da aplicação prática do protocolo de monitorização vir a identificar outras situações pertinentes, podem ser apontadas desde já as seguintes: a) Não ser possível a leitura da imagem devido à deterioração da camada pictórica; b) O estado geral do mural e/ou do seu suporte transmitem uma imagem de degradação, por oposição ao pretendido embelezamento das ruas; c) Por uma qualquer razão, prevê-se que o mural possa ser destruído.

Esta análise pode e deve ser feita com base no que já está documentado relativamente aos murais e na sequência do preenchimento das fichas de identificação dos mesmos, nos termos que foram referidos para a fase anterior, de Informação. No prosseguimento da aplicação do protocolo de monitorização, esta análise também deve ser efetuada quando da atualização da informação relativa ao estado de conservação dos murais e que se pretende que seja realizada anualmente. Essa recolha será feita com utilização da ficha de avaliação do estado de conservação e com o apoio da tabela de exemplos do estado de conservação e da tabela de recomendações (Anexo III – Ficha 2 e tabelas de apoio).

A ficha de Avaliação do Estado de Conservação inclui os seguintes campos: a) Participantes, quem elabora a ficha, b) Técnico responsável, quando haja supervisão

técnica; c) Data da avaliação. Embora dependendo das condições meteorológicas, afigura-se que a melhor altura será antes das férias escolares da Páscoa, de forma a não interferir com o calendário escolar mais carregado, próprio do final do ano letivo; d) Indicação da existência de registo fotográfico; e) Indicação do estado de conservação. O preenchimento deste campo, conforme consta da nota existente na ficha, faz-se por comparação com os exemplos constantes da respetiva tabela; f) Observações. Aqui se indica qual a ação recomendada, também por comparação com a respetiva tabela.

Recomenda-se que no local dos murais os elementos pertinentes sejam recolhidos em papel, em forma de rascunho e, sempre que possível, com recolha de imagem. Os elementos constantes desse rascunho serão depois inseridos na ficha em formato digital, com transferência da fotografia para a ficha digital. Com esta metodologia facilita-se a utilização das tabelas de apoio, que se pressupõe estarem em formato digital. Esta digitalização da informação pode ser feita pelos recursos humanos do MAR, os eventuais estagiários e com a supervisão do técnico superior, uma vez que o MAR é o recetáculo da informação.

Existe também a ficha de acontecimento. Esta destina-se à comunicação de situações esporádicas, que surjam fora dos processos organizados de recolha e análise de informação. A sua finalidade é registar comunicações de membros da comunidade quando estes tomam conhecimento de algo relevante relativamente a algum dos murais: está a ser prevista a sua destruição, por exemplo; existe uma transferência da propriedade do suporte que pode acarretar igualmente a destruição do mural; caiu parte do suporte; ou foi aplicada tinta por cima da pintura original (Anexo III – Ficha 3).

A ficha será preenchida pelos recursos humanos do MAR, técnico superior ou eventuais estagiários, diretamente no formato digital e com transferência para a mesma de fotografia, caso exista. Esta comunicação poderá levar a situação do mural em causa a passar para a fase de decisão. Aí, mesmo que se conclua ser inevitável a destruição do mural, por exemplo, reveste-se sempre de utilidade por permitir alertar previamente os seus autores para esse facto.

Decisão

A consulta da tabela de recomendações, a que se aludiu na fase anterior, de Análise, prevê quatro hipóteses de classificação, de acordo com o estado de conservação de cada mural:

Tabela 4: Recomendações de intervenção

Estado de conservação	Recomendações
Bom	Nada a recomendar
Razoável	Ações de conservação
Mau	Ações de conservação; ponderar a sua substituição
Muito mau	Abandonar por falta de adequação do suporte

Estas três últimas hipóteses implicam a necessidade de ser tomada uma decisão relativamente a cada mural que integre alguma delas. E tal cabe nesta fase, da Decisão.

Com ela procura-se dar resposta a uma questão levantada nas conclusões do projeto MurArte e que refere a necessidade de tomar decisões sobre a preservação dos murais, “o que não é uma tarefa simples devido às diferentes e complexas questões envolvidas. Considerando o processo de apropriação patrimonial que tem vindo a decorrer e o consequente desenvolvimento de um sentimento identitário, é necessário envolver a comunidade na tomada de decisão relativamente à preservação destes recursos” (NUNO et al. 2022, p.22).

Esta conclusão ajuda-nos a definir os participantes no processo de tomada de decisão. Desde logo o MAR, relativamente ao qual se continua a sugerir que assuma a liderança da aplicação do protocolo de monitorização e cujo conhecimento técnico e científico é especialmente necessário nesta fase. Depois as associações, designadamente a AFBG e a ADPHNR, atentos os papéis relevantes que a primeira desempenha quanto à organização da FBG e a segunda quanto à sustentabilidade do MAR. Temos ainda os pintores, os proprietários dos suportes, representantes dos moradores, os decisores políticos e os representantes das instituições com as quais o MAR tem parcerias e protocolos, nomeadamente aquelas que possam reforçar o conhecimento técnico e científico de que o MAR já dispõe.

Sugere-se que o processo de tomada de decisão se desenvolva em diversos passos, que a seguir se indicam, tendo como objetivo principal o alcançar de consensos. Note-se ainda que todas as decisões tomadas deverão constar da ficha de identificação dos murais em causa.

1º Passo – Deverão ser analisados em primeiro lugar os murais com classificação de Muito Mau, considerando que serão as situações em que mais facilmente se alcançará consenso, designadamente atenta a situação física do suporte. Mas poder-se-á dar o caso

de o mural em questão se revestir de um significado especial para a comunidade e o consenso ir no sentido de o tentar recuperar ou de executar um novo com o mesmo tema em suporte mais adequado. Nesta situação deverá a questão ser remetida para um passo posterior do processo de decisão, quando forem avaliados os recursos disponíveis.

2º Passo – A análise incide aqui sobre os murais com classificação de Mau. Em primeiro lugar importa avaliar a relevância de cada um para a comunidade. Relativamente aos que forem entendidos como justificando uma intervenção, dever-se-á melhor apurar que tipo ou tipos de intervenção são necessários desenvolver e quais os conhecimentos técnicos que as mesmas exigem.

3º Passo – Idêntica análise a ser feita quanto aos murais com classificação de Razoável. Para além da necessária avaliação do seu relevo para a comunidade, também importa verificar se há efetiva necessidade de intervenção e, a existir, proceder também à sua discriminação e ao apuramento dos conhecimentos técnicos que exige.

4º Passo – Com a listagem de todos os murais que se considera necessitarem de intervenção ou de substituição, é este o momento em que se vão averiguar os recursos humanos e materiais disponíveis. É o momento de especial intervenção dos decisores políticos, enquanto protagonistas na obtenção de financiamentos e dos parceiros do MAR, enquanto protagonistas na área do conhecimento técnico e científico. A intervenção do MAR, por sua vez, abrange estas duas realidades.

5º Passo - Os passos até agora percorridos nesta fase tiveram como objetivo selecionar, através dos critérios utilizados em cada um, os murais que são considerados como prioritários em termos de intervenções de conservação e restauro. O processo de decisão até agora executado permitiu também apurar os recursos humanos e materiais disponíveis. No pressuposto de que estes não serão suficientes para permitir intervir em todos os murais selecionados, há que decidir quais são os escolhidos. Dois fatores devem aqui ser combinados de forma a contribuir para o alcançar de um consenso: por um lado, atribuir prioridade aos murais a que a comunidade atribui um significado especial, àqueles que considera melhor representarem a sua história, os seus usos e costumes; por outro, através da introdução do fator técnico, dar prioridade aos murais cuja intervenção mais se adequa aos recursos humanos e materiais disponíveis. Da conciliação destes dois fatores

resultarão as decisões mais adequadas.

Indiferentemente da forma como for entendido registrar as decisões tomadas, as fichas de identificação dos murais deverão ser atualizadas em conformidade. Nos casos em que se decidiu proceder a uma intervenção, dever-se-á incluir uma breve descrição da mesma e referir os recursos humanos e materiais a serem utilizados. A intervenção deve ser acompanhada por uma ficha de trabalho, onde se faz a identificação do mural e um pequeno descritivo da ação efetuada. Será posteriormente anexada ao processo do mural e acompanhada por registo fotográfico.

3. Guia para a criação de murais

No desenvolvimento deste trabalho de projeto conclui-se que os murais de Riachos são um processo dinâmico e de criação contínua, o que torna de extrema importância a elaboração de um guia para a sua criação. Uma vez que a comunidade é a maior produtora destes murais o objetivo foi a definição de uma metodologia simples, que se enquadrasse no contexto dos murais de Riachos e com algumas recomendações de higiene e segurança. O resultado foi uma brochura para a comunidade com todos os passos resumidos, de forma a manter o carácter simples que necessita (Anexo IV – Guia de criação de murais).

A solução encontrada foi a consulta e simplificação de outros guias, como por exemplo: *Mural toolkit – a practical guide*, *Muraltoolkit – How to guide to developing murals in Wellington city*, *What does it take to paint a mural in Te Whanganui-a-Tara Wellington?*, *Community Mural Toolkit*, *Murals Toolkit A practical guide for Aucklanders* e tendo como referência as linhas orientadoras para murais exteriores do *Canadian Conservation Institute*. Estes guias foram selecionados por terem o mesmo carácter comunitário que o caso em estudo. O que difere é o autor do mural, pois nesses guias existe toda uma parte para a seleção e contratação de artistas, enquanto no caso de Riachos o autor é a comunidade e não um artista reconhecido.

Neste guia para a criação de murais existe uma pequena introdução, algumas indicações relacionadas com o processo de criação, os temas já utilizados, cuidados a ter, material necessário e ainda todas as etapas da criação de murais exteriores: planeamento, preparação, pintura, proteção, celebração e manutenção.

Transversal a todas as etapas temos o registo do processo de criação. Deve ser feito ao longo de todo o processo, no início e no fim de cada etapa, sendo a utilização de registo fotográfico uma forma fácil de o executar. Trata-se de uma atividade essencial por permitir perceber, com o decorrer do tempo, quais as técnicas que melhor funcionam na criação dos murais e quais os materiais mais adequados. Também a questão do financiamento apresenta relevância, mas a metodologia para a sua abordagem já foi referida a propósito do protocolo de monitorização. Será em sede da tomada de decisão no protocolo que serão definidos os termos em que o financiamento se processa.

Planeamento

1. Escolher o tema dentro do critério definido.
2. Selecionar uma imagem usando como modelo fotografias antigas de cenas de Riachos, memórias pessoais, imagens retiradas da internet ou gravuras de livro.
3. Escolher o suporte, de preferência paredes de cimento com poucas imperfeições e pouca exposição solar.
4. Pedir autorização ao proprietário se a parede não for do próprio.
5. Apresentar a proposta ao MAR/NAR com essas informações para, caso seja aceite, se processar o financiamento dos materiais.

Os murais devem ser pintados em períodos amenos de forma a evitar o calor excessivo e evitar os períodos de chuva para aumentar o tempo de secagem das tintas e diminuir a presença de água nas paredes, respetivamente.

Para suporte, escolher paredes sem problemas de humidade, com resguardos arquitetónicos e pouca exposição solar. Os dois tipos de suporte mais encontrados nos murais de Riachos são as paredes de cimento e de tijolo.

A paredes de cimento têm uma superfície lisa, mais adequada para pintar. Podem economizar nos materiais, nomeadamente nas tintas e pincéis e, desde que a superfície esteja bem preparada, o mural deverá permanecer em boas condições. As paredes de tijolo podem não ser tão adequadas. A existência de fraturas e fissuras, a má construção e o fraco isolamento ou até certas áreas da casa²⁸, permitem a penetração da água nas paredes causando o destacamento da camada pictórica e a escamação do tijolo. Embora em

²⁸Por exemplo, a casa de banho ou a cozinha causam infiltrações por condensação. Consultar <https://www.murprotec.pt/blog/identificar-tratar-diferentes-tipos-humidade/> (Acesso em 12/04/2025).

algumas paredes de tijolo possa resultar, as mais antigas ou aquelas em que o tijolo é de argila vermelha não são uma boa escolha²⁹.

Preparação

1. Limpar o suporte com uma vassoura e/ou mangueira.
2. Nivelar o suporte com argamassa apropriada e com recurso a espátulas.
3. Colocar fita de papel à volta da área a pintar e plástico no chão de forma a proteger.
4. Aplicar o primário com rolos ou trinchas e deixar secar por 24 horas.

A lavagem das paredes é um passo essencial na criação de um mural pois permite a remoção da sujidade superficial e de todo o material em destacamento. No caso de eventual utilização de uma máquina de água de pressão, fazê-lo com cuidado para não danificar a parede. Se houver sujidade superficial mais resistente como adesivos ou restos de colas, removê-los com os solventes adequados ou produtos de limpeza domésticos. Se existir um revestimento na superfície de composição desconhecida talvez a parede não seja a mais indicada, pois pode não ser compatível com a tinta a ser utilizada³⁰.

O preenchimento de todas as fissuras e fraturas é essencial para o nivelamento do suporte. Se a parede necessitar de várias reparações ou de alguma mais complexa, considerar mudar de suporte.

O primário deve ser de alta qualidade, compatível tanto com o suporte como com a tinta a utilizar e usado sem diluir. Nunca deve ser aplicado sobre tinta em destacamento ou descontinuada, pois a adesão ao suporte fica comprometida³¹.

Pintura

1. Ter um recipiente com água para limpar o material.
2. Dispor de recipientes para pôr as tintas e um pano para limpar.
3. Fazer o desenho preparatório na parede com a ajuda de uma grelha de medidas.
4. Começar a pintar.

²⁹ Consultar: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals/planning-new-mural.html> (Acesso em 22/01/2025).

³⁰ Consultar: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals/creating-new-mural.html> (Acesso em 22/01/2025).

³¹ Consultar: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals/creating-new-mural.html> (Acesso em 22/01/2025).

A tinta mais utilizada na produção de murais é a acrílica, desde que seja de alta qualidade e a superfície esteja bem preparada. O principal problema é sempre a descoloração de certos pigmentos e o enfraquecimento da superfície devido à deterioração do ligante, o que poderá ser atenuado com a aplicação de uma camada de proteção sobre o mural³². A grelha de medidas ajuda a garantir que as proporções e a disposição fiquem corretas.

Proteção

1. Depois de acabada a pintura deixar secar por 24 horas.
2. Aplicar um verniz acrílico com o auxílio de uma trincha.

A aplicação de um revestimento superficial pode aumentar a longevidade de um mural pois ajuda a prevenir a degradação fotoquímica da camada pictórica, protege ligeiramente contra a abrasão causada por agentes atmosféricos ou por danos menores e fornece uma superfície que permite alguma limpeza. O produto usado deve ser estável e compatível tanto com a tinta como com o suporte. Por exemplo, não deve dissolver a tinta e não deve tornar uma parede de tijolos completamente impermeável à humidade³³.

Limpeza

1. Limpar os pincéis, trinchas e rolos.
2. Deixar o local limpo após terminar o trabalho.

A componente ambiental é muito importante e nunca deve ser esquecida. Para além disso, a limpeza torna todo o processo muito mais agradável.

Celebração

1. Fotografar o mural.
2. Registrar o mural no MAR/NAR.
3. Festejar o mural.

³²Consultar: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals/creating-new-mural.html> (Acesso em 22/01/2025).

³³Consultar: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals/caring-existing-mural.html>, (Acesso em 22/01/2025).

Uma vez terminado, o mural deve ser fotografado e registado na base de dados referida no protocolo de monitorização. Também deve ser feita a sua apresentação ao público, por exemplo aproveitando a FBG, uma vez que o seu propósito inclui o engalanar das ruas para a festa.

Manutenção

A inspeção, a manutenção contínua e o tratamento periódico são essenciais para manter um mural em boas condições. Para saber o que fazer nesta fase, consultar o protocolo de monitorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos definidos para o presente trabalho incluíam a elaboração de um protocolo de monitorização e de um guia para a criação de novos murais. Um terceiro objetivo visava compreender aquele património, nomeadamente através do seu historial e do seu significado cultural para a comunidade. Atendendo a que desta compreensão resultaria o contexto para a elaboração daqueles documentos, foi esse o propósito do Capítulo I. Aí se apuraram as raízes agrícolas de Riachos, atividade que ainda hoje tem papel de destaque e define a identidade rural da vila, bem como o forte espírito comunitário e associativo da sua população, o outro fator que contribuiu para uma verdadeira imagem de marca. A FBG, tradição antiga que renasceu no século XX, traduz essa imagem de marca, representando os usos e costumes tradicionais, fortemente ligados à religião ainda que através da lenda.

Abordou-se também o MAR. Datando a sua constituição de 1986 e a inauguração de 1989, o MAR assume um caráter de museu comunitário, não só enquanto representativo de uma comunidade de tradições rurais, mas também pela dinâmica e pela interação que com ela estabelece. Neste sentido, salienta-se o facto de o seu espólio exposto ser essencialmente constituído por peças que continuam a pertencer aos respetivos proprietários e que foram cedidas ao museu para esse fim. Estas suas características, aliadas ao conhecimento científico e técnico de que dispõe e também às parcerias e protocolos que tem celebrado, levaram a concluir que lhe cabe um papel central em qualquer projeto que vise a conservação e restauro dos Murais de Riachos.

A procura do contexto e dos parâmetros para a elaboração dos documentos continuou no Capítulo II. Apuraram-se as circunstâncias em que foram criados os primeiros murais, na edição de 2012 da FBG, e a evolução que os mesmos tiveram desde a ideia inicial de um contributo decorativo para aquele ano, até virem a assumir o caráter de património cultural comunitário. O facto é que a evolução começou logo que se iniciaram os trabalhos para a sua execução. Esta coube aos pintores do NAR, poucos dos quais com formação técnica e artística, o que acabou por contribuir para incentivar a colaboração entre eles e com a própria comunidade. E foram esses pintores que estabeleceram o critério para os temas a que os murais deveriam aludir: a etnografia da terra, os usos e costumes, as memórias de antigamente.

A ampla aceitação dos murais por parte da comunidade riachense e dos visitantes da FBG levou a que em 2016 fossem criados novos murais. Embora se mantivesse o

critério da etnografia local, foi desenvolvido um trabalho mais elaborado, quer na escolha dos locais quer na execução dos murais, tendo-se ainda procedido ao repinte e ao restauro de alguns dos murais de 2012. Foi também naquela data que se consolidou a perspetiva da comunidade relativamente aos murais, que passaram a ser encarados como um “repositório visual de memórias e tradições” e “um elemento catalisador da identidade local em espaço público”. E um inquérito realizado junto da população de Riachos, em 2020, permitiu concluir da importância atribuída por esta aos murais, da sua dimensão cultural e da sua inscrição no mapa de interesses da comunidade. Ainda no Capítulo II prestou-se especial atenção ao trabalho desenvolvido no âmbito do projeto MurArte. Nascido da vontade de contribuir para a definição de estratégias de preservação dos Murais de Riachos, este projeto constituiu a primeira abordagem científica daquele património cultural.

Relevam aqui as conclusões que foram tiradas desse trabalho, designadamente: a comunidade encara os murais como parte integrante do seu património cultural; aceita o seu carácter efémero; é imprescindível a sua participação em qualquer processo de preservação, seja no acompanhamento do seu estado de conservação, seja no processo de decisão quanto aos murais que devem ser preservados, seja até em alguns dos trabalhos que visam essa preservação. Dá-se ainda conta neste capítulo da avaliação feita ao estado de conservação dos murais, com recurso a uma tabela classificativa especificamente construída para este fim. E procurou-se também determinar os fatores que contribuíram para as alterações encontradas, construindo-se uma tabela de correlação dos fatores e causas para cada tipo de alteração.

O protocolo de monitorização do estado de conservação dos Murais de Riachos consiste num conjunto de tarefas interligadas entre si, com o objetivo de manter atualizado e documentar o estado de conservação em que aqueles e os respetivos suportes se encontram. Esse conhecimento vai permitir a tomada de decisão quanto a possíveis ações de conservação ou restauro. Colocando o MAR como ponto focal e líder da aplicação do protocolo, procurou-se que o mesmo se revista da simplicidade necessária a permitir a intervenção dos membros da comunidade, inclusive daqueles que não dispõem de quaisquer conhecimentos técnicos ou científicos relativamente a estas matérias. Por isso mesmo, a execução do protocolo é apoiada por um conjunto de fichas elaboradas especificamente para este fim e que, recorrendo a uma linguagem quotidiana, pretendem facilitar a recolha da informação pertinente e a sua posterior análise, indicando-se também quem deve executar essas ações. No que respeita à tomada de decisão quanto a cada

mural, propõe-se uma metodologia faseada, tendo como objetivo principal alcançar decisões consensuais entre todos os participantes, com destaque para os representantes da comunidade.

O guia para a criação de murais surge quase como um corolário da aplicação do protocolo. Uma das conclusões deste trabalho foi o facto de a comunidade encarar como seu património cultural o conjunto dos murais, que passam assim a constituir um processo dinâmico e de criação contínua, criando uns para substituir a inevitável degradação de outros. Sendo que a comunidade é a maior criadora dos murais, a simplicidade também presidiu à elaboração deste guia, que inclui recomendações no âmbito da higiene e segurança. A sua descrição no Capítulo III e a brochura em que o mesmo é apresentado dispensam pormenorizar aqui cada uma das suas componentes.

Este trabalho é um contributo para a preservação dos murais de Riachos, enquanto património cultural comunitário. O protocolo de monitorização e o guia de criação dos murais constituem, através dos procedimentos neles previstos, uma ferramenta para a preservação dos murais e incluem o imprescindível envolvimento da comunidade. Na sequência dos estudos já desenvolvidos e com base neles, os documentos que se apresentam inovam com a perspetiva prática quanto à forma de monitorizar, avaliar, decidir e executar os trabalhos adequados a alcançar o objetivo de preservar este património.

As limitações inerentes a este tipo de trabalho não permitiram verificar se os processos que se propõem são os mais adequados à produção dos resultados pretendidos, dado não ter sido viável proceder à sua efetiva aplicação. Mas a simplicidade de que os mesmos se revestem, concebidos para serem utilizados pelos membros da comunidade, permitirá com facilidade adaptá-los a quaisquer evoluções que possam surgir, nomeadamente quanto ao seu contexto envolvente. Sugerindo-se essa aplicação prática como o próximo passo, ela deverá ser sempre acompanhada da transmissão do saber técnico aos membros da comunidade que nela participem. As parcerias e protocolos que o MAR tem com escolas permitem o envolvimento deste segmento da população na aplicação prática dos documentos propostos. E será essa a forma de garantir que os murais de Riachos continuem, no futuro, a serem percebidos pela comunidade como seu património cultural.

BIBLIOGRAFIA

Chasqueira, Â.; Ferraz, Â.; Triães, R., *Remove, repaint or retouch: should the community decided? The case of the outdoor murals of the Riachos village, Portugal*, in Rech 6 - 6th International Meeting on Retouching of Cultural Heritage,, Universitat Politècnica de València (2023) 18-24, <https://doi.org/10.4995/RECH6.2021.13523>.

Community Mural Toolkit (2020) Iowa State University – Extension and Outreach. <https://store.extension.iastate.edu/product/15818>.

Ferraz, Â., *O Projeto MurArte*, in Roteiro do projeto MurArte: Documentação dos murais de Riachos com vista à sua preservação sustentável. Edição TECHN&ART - Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (2023) 3-5.

Ferreira, J. A. A., *Técnicas de diagnóstico de patologias em edifícios*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto (2010). <https://hdl.handle.net/10216/58880>.

Figueira, M. L. (2022). Museu Agrícola de Riachos: Práticas e Teorias num Museu de Comunidade. *Cadernos De Sociomuseologia*, 63 (19), p. 73-89
<https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.06>

Henderson, R., Ahmed, Z., Shafeeqa, F. (2016) *Community mural toolkit - A facilitator's guide to mobilisin community environmental action*. The Maldives National University https://livelearn.org/assets/media/docs/resources/Mural_Tkit_eng.pdf

Marques, S. F. C., *Museus de comunidade e experiência turística cultural e criativa: o caso do Museu Agrícola de Riachos*, Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar (2014). <http://hdl.handle.net/10400.26/13479>.

Martins, J. M. P. (2014) *A Educação de Adultos e o Desenvolvimento Local no contexto da Nova Museologia: O caso do Museu Agrícola de Riachos*, Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra (2014). <https://comum.rcaap-pt>.

Martins, J. G. & Silva, A. (2005) *Sebenta: Materiais de construção, tintas, vernizes e ceras*, Série Materiais, 2ª edição. Curso de Engenharia Civil da UFP

Mural toolkit – a practical guide (2023) OUR arts & culture, Mornington Peninsula Shire, <https://artsandculture.mornpen.vic.gov.au/Public-Art/Murals>

Mural toolkit – How to guide to developing murals in Wellington city (2013), Absolutely positively Wellington.

<https://wellington.govt.nz/arts-and-culture/arts/public-art/murals/mural-guide-and-toolkit>

Nunes, M. M. F., *Intervenção de conservação e restauro na pintura de fingidos (marmoreados) do piso térreo do picadeiro real, Museu Nacional dos Coches*, Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa (2022). <http://hdl.handle.net/10400.14/41094>.

Nuno, C., Ferraz, A., Triães, R. & Chasqueira, Â., *Os murais etnográficos de Riachos e os desafios à sua preservação*, in Roteiro do projeto MurArte: Documentação dos murais de Riachos com vista à sua preservação sustentável. Edição TECHN&ART - Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (2023) 11-23.

Oliveira, B. L. A., *Os murais de Riachos: Proposta de projeto para a documentação*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (2022). <http://hdl.handle.net/10362/143520>.

Pedro, J. B., Vilhena A. & Paiva, J. V. (2009) Método de Avaliação do estado de Conservação de Imóveis Desenvolvimento e aplicação, Engenharia Civil, Laboratório Nacional de Engenharia Civil *OTB Research Institute for Housing, Urban and Mobility Studies, Delft University of Technology*, 35, p. 55-74. <https://www.civil.uminho.pt/revista/artigos/n35/Pag.57-74.pdf>.

Tavares, M. L., *A conservação e o restauro de revestimentos exteriores de edifícios antigos – Uma Metodologia de Estudo e Reparação*, Dissertação de Doutoramento,

Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa (2009).
<https://repositorio.lnec.pt/jspui/handle/123456789/16903>.

Triães, R., & Ferraz, Â., *Se estas paredes falassem: os murais da vila de Riachos*, in Todas as Artes Todos os nomes, ed. P. Gerra, vol. 2, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto (2022) 402-413.

What does it take to paint a mural in Te Whanganui-a-Tara Wellington? (2024). Absolutely positively Wellington.
<https://www.museumswellington.org.nz/te-whanganui-a-tara-by-xoe-hall/>.

Referências eletrónicas

Ficha de empresa, <https://pt.kompass.com/c/hugo-jose-silva-vieira-unipessoal-lda/ptnci24203315/> (consultado em 2024-09-23).

Ficha de empresa, <https://pt.kompass.com/c/rama-unipessoal-lda/ptnci24387372/> (consultado em 2024-09-23).

A festa da Bênção do gado, bencaodogado.pt (consultado em 2024-09-24).

Bênção do Gado: A Festa que os Lavradores ofereceram a Riachos,
<https://mediotejo.net/bencao-do-gado-a-festa-que-os-lavradores-ofereceram-a-riachos/> (consultado em 2024-04-01).

MurArte – o projeto, http://www.techneart.ipt.pt/murarte/pt/o_projeto/ (consultado em 2025-03-27).

Museu Agrícola de Riachos,
<https://eulacmuseums.net/index.php/component/fabrik/details/5/8> (consultado em 2024-9-29).

Projeto EULAC MUSEUMS (Europe and Latin America and Caribbean Museums),
<https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=5052> (consultado em 2024-10-1).

Conservation guidelines for outdoor murals, <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/care-objects/fine-art/conservation-guidelines-outdoor-murals.html> (consultado em 2025-01-21).

Projeto Mural Arts Philadelphia, <https://muralarts.org/> (consultado em 2025-03-18).

We are still here Minnesota, <https://washmn.org/about/> (consultado em 2025-03-18).

In memoriam George Floyd: arte de rua, <https://amusearte.hypotheses.org/6594> (consultado em 2025-03-18).

La Comuna 13, symbole de renouveau de Medellin, <https://www.lechappee-colombie.fr/post/la-comuna-13-symbole-de-renouveau> (consultado em 2025-03-18).

The Murals of “Education is Not a Crime” <https://themarkaz.org/the-murals-of-education-is-not-a-crime/> (consultado em 2025-03-18).

Help create UCR’s new mural with ‘smog-eating’ paint, <https://news.ucr.edu/articles/2023/09/29/help-create-ucrs-new-mural-smog-eating-paint> (consultado em 2025-03-19).

Arte ecológica: Anna Garforth cria grafite sustentável utilizando musgo ao invés de tintas em muros de cidades, <https://followthecolours.com.br/grafite-de-musgo-anna-garforth/> (consultado em 2025-03-19).

Muralismo: A Arte Urbana Como Meio de Expressão e Intervenção Social no Contexto Contemporâneo, <https://www.ceresri.org/post/> (consultado em 2025-03-20).

Como identificar e tratar diferentes tipos de humidade, <https://www.murprotec.pt/blog/identificar-tratar-diferentes-tipos-humidade/> (consultado em 2025-04-12).

Censos 2021, https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid (consultado em 2025-04-14).

ANEXO I

LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Os murais foram fotografados a 21 de novembro de 2024

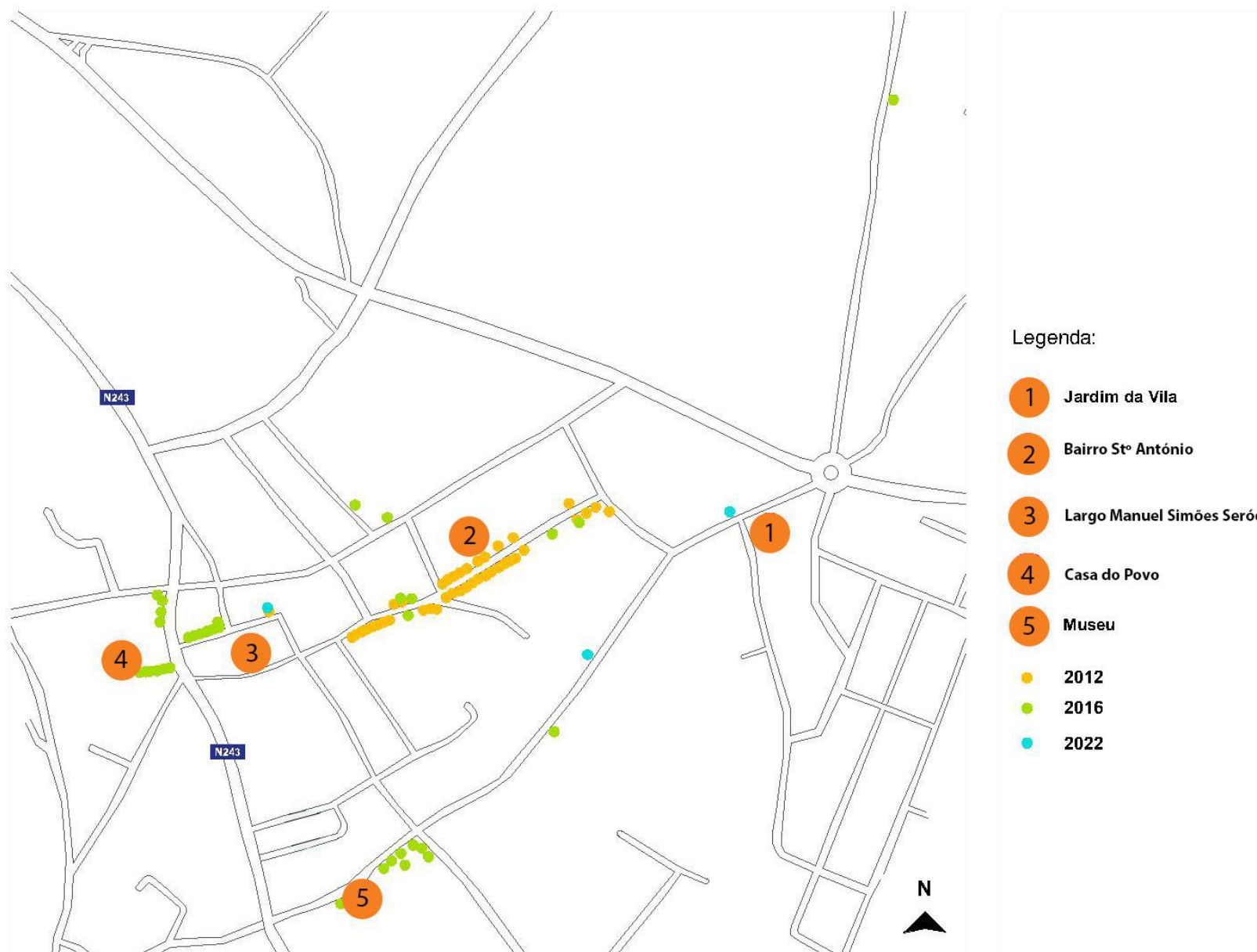
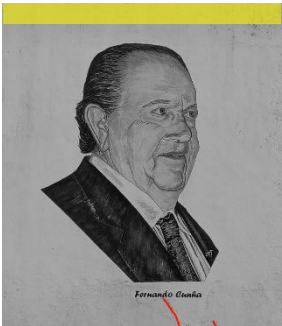
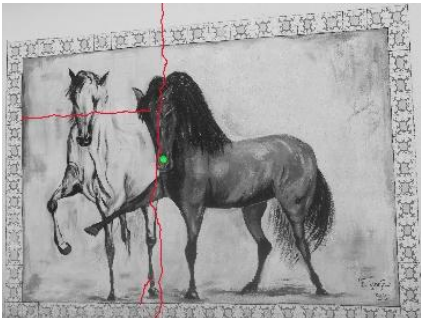
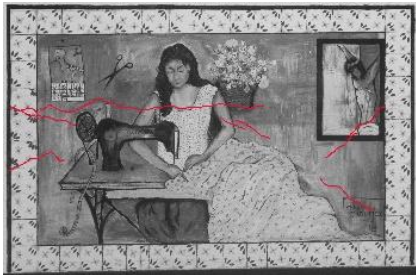
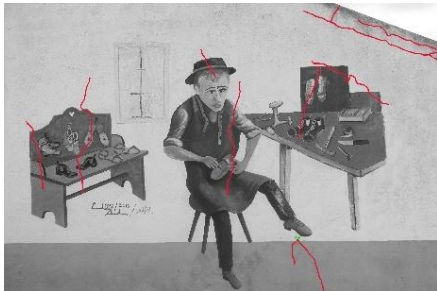
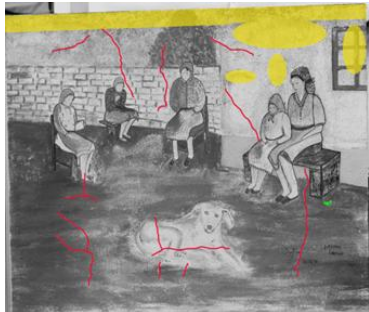
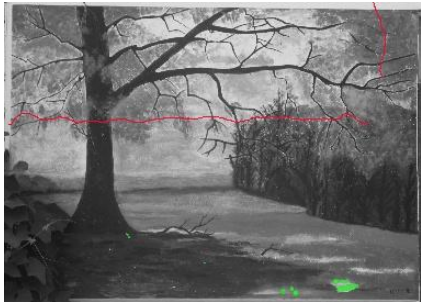


Figura 1: Mapa dos murais de Riachos, adaptado de (NUNO, FERRAZ, TRIÃES, CHASQUEIRA, 2022, p.11)

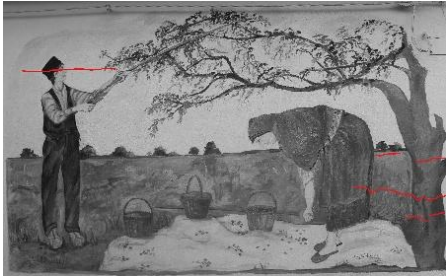
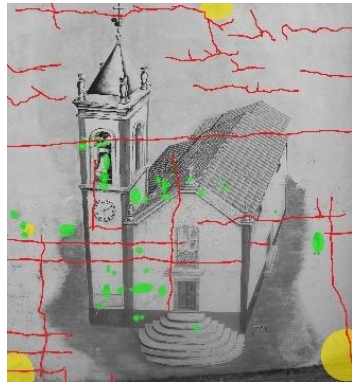
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: R. São Silvestre Tema: Figuração de Fernando Cunha Autor & Data: ZMT, 2022 Orientação: O		Bom Fissuras  Colonização Bio 
	Localização: R. Dr. Rivoti Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (cavalos) Autor & Data: F. Gorjão, 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras  Lacunas tinta 
	Localização: R. Dr. Rivoti Tema: Primavera Autor & Data: Paula Aferião e Filipa Sousa, 2022 Orientação: SE		Bom Fissuras  Colonização Bio 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: R. dos Valadores 1 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (Figuração de uma mulher a costurar) Autor & Data: F. Gorjão, 2022 Orientação: SE		Bom Fissuras 
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (sapateiro) Autor & Data: MPL, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NE		Bom Fissuras  Lacunas tinta 
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (pastores) Autor & Data: Ana e Carlos, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NE/NO		Mau Lacunas tinta  Colonização Bio  Ação antrópica 

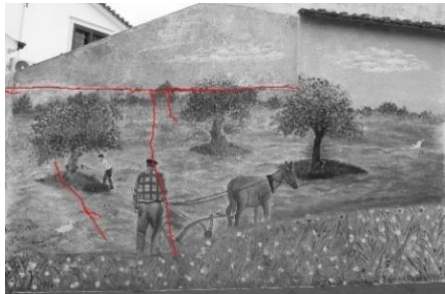
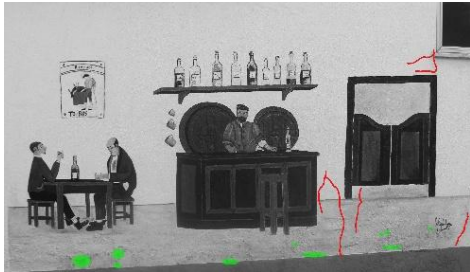
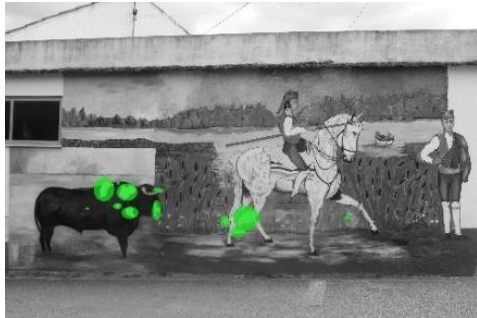
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: Maria Clara e Teresa Emidio, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Ação antrópica ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense Autor & Data: Olga Maria e Miguel Martim, 2012 Repintado: 2016 Orientação: SE		Muito mau Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■ Fissuras ■ Desvanecimento cor significativo
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense Autor & Data: L. Carmo, 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■ Lacunas tinta ■

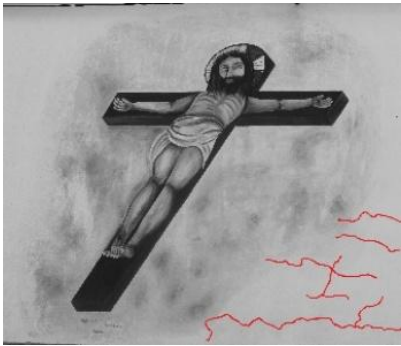
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (sapateiro) Autor & Data: Tess e Sássi, 2016 Orientação: NO		Bom Colonização Bio
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha do cânhamo) Autor & Data: MPL, 2012 Repintado: 2016 Orientação: SO		Mau Fissuras Lacunas tinta Desagregação reboco
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (ferramentas) Autor & Data: Tess e Sássi, 2012 Repintado: 2016 Orientação: SO		Razoável Fissuras Lacunas tinta

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (poceiro) Autor & Data: Dadinha, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Colonização Bio Fissuras
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (vindima) Autor & Data: Dadinha e Filipa Beja, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NE		Bom
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha do cânhamo) Autor & Data: Amélia Pinheiro, 2012 Orientação: NO		Mau Fissuras Lacunas tinta Desvanecimento cor significativo

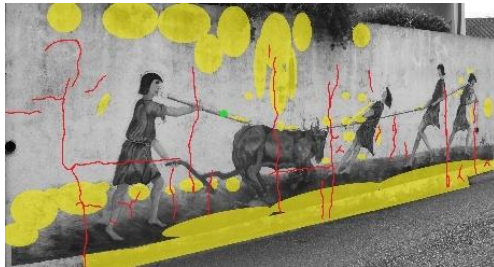
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha do cânhamo) Autor & Data: Amélia Pinheiro, 2012 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinteiras ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha da azeitona) Autor & Data: Amélia Pinheiro, 2012 Orientação: SE		Bom Fissuras ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (igreja velha) Autor & Data: ZM, 2012 Orientação: NO		Mau Fissuras ■ Lacunas tinteiras ■ Colonização Bio ■ Desvanecimento cor significativo

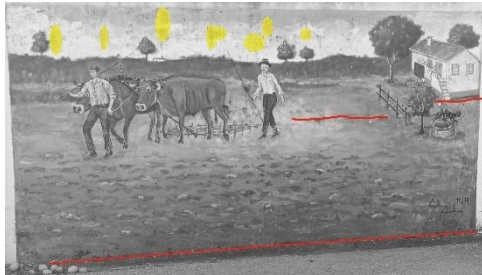
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense Autor & Data: M. Pedro, 2012 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (miúdos a roubar fruta) Autor & Data: Ana Triguinho e Carlos Madeira, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Colonização Bio ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: C. Madeira, Ana Triguinho, Tess, Zé Manel, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■

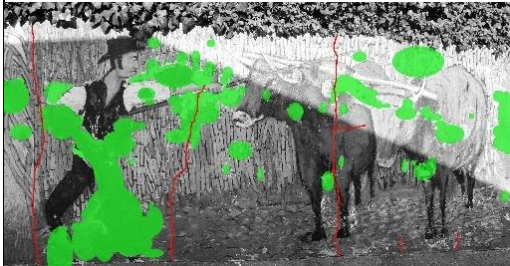
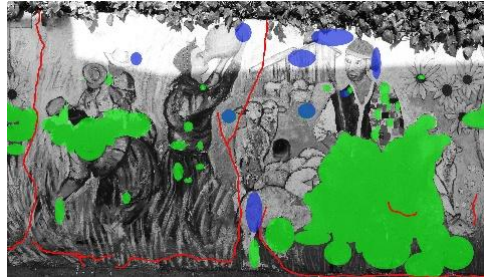
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha da azeitona, homem a lavrar) Autor & Data: MPL, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (taberna) Autor & Data: Filipa Beja, 2012 Orientação: NO		Bom Fissuras ■ Lacunas tinta ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (campinos) Autor & Data: F. Gorjão e Tess, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Lacunas tinta ■

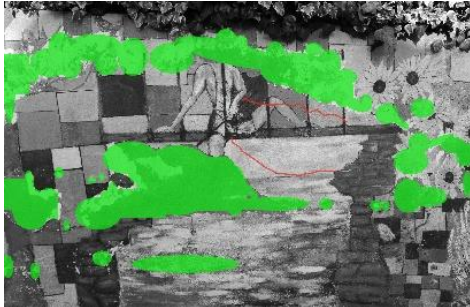
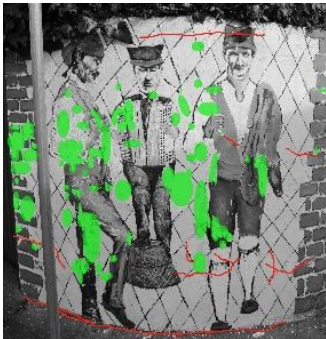
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (miúdos a brincar) Autor & Data: Manela, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Lenda do senhor Jesus (cristo na cruz) Autor & Data: Maria Clara e Teresa Emílio, 2012; Repintado: 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Trepadeira de flores Autor & Data: M. Pedro, 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras ■

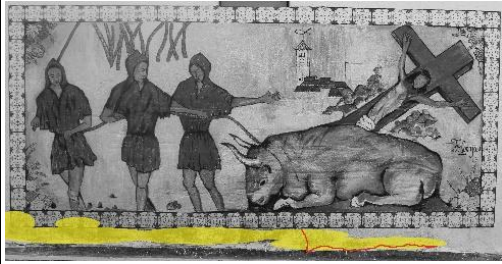
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: ZM e C. Lopes, 2016 Orientação: SE		Mau Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■ Muito desvanecimento cor
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: ZM e C. Lopes, 2016 Orientação: SE		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (vaca no meio de girassóis) Autor & Data: Filipa Beja e Dadinha, 2012; Repintado: 2016 Orientação: SE		Razoável Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: A lenda do senhor Jesus Autor & Data: MPL, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (painel do ciclo do pão) Autor & Data: Dadinha, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Colonização Bio ■ Ação antrópica ■
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (painel do ciclo do pão) Autor & Data: Manela (?), 2012 Orientação: NO		Razoável Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Colonização Bio ■ Ação antrópica ■

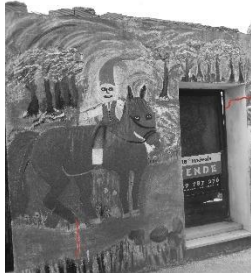
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua A 2 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (painel ciclo do pão) Autor & Data: CL AL, 2012 Repintado: 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras Colonização Bio
	Localização: Rua A 2 Tema: Painel com cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense, cenas religiosas e trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: F. Gorjão e Tess, 2012 Repintado: 2016 Orientação: SE		Muito mau
	Mural 1 2		Lacunas tinta Desagregação do reboco

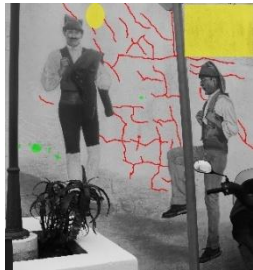
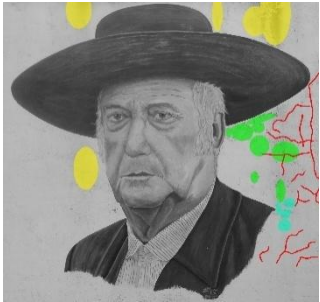
MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Mural 2 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■
	Mural 3 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■
	Mural 4 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■ Empolamento ■

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Mural 5 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■
	Mural 6 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■
	Mural 7 2		Fissuras ■ Lacunas tinta ■

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua 1º maio 2 Tema: Paisagem (cascata) Autor & Data: C. Madeira, 2016 Orientação: SO		Bom Fissuras 
	Localização: R. Pinheiro de Janeiro 2 Tema: Paisagem Autor & Data: Tess, 2016 Orientação: SE		Bom Fissuras 
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Lenda de senhor Jesus Autor & Data: F. Gorjão e Tess, 2022 Orientação: SE		Bom Fissuras  Colonização Bio 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (mulher ir à fonte) Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: NE		Muito mau Lacunas tinta 
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Impercetível Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Muito mau Fissuras  Lacunas tinta 
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (taberna) Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Muito mau Lacunas tinta 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Bom Fissuras  Lacunas tinta 
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Muito mau Fissuras  Lacunas tinta  Colonização Bio  Desagregação do reboco 
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Cenas evocativas de costumes ribatejanos (campinhos) Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Bom Fissuras 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua Menino de Deus 3 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (descamisada) Autor & Data: T. Roque, 2016 Orientação: SE		Bom Fissuras  Ação antrópica 
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração dos bailarinos do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: N		Razoável Fissuras  Lacunas tinta  Colonização Bio 
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração de uma personalidade do fundador do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: N		Razoável Fissuras  Lacunas tinta  Colonização Bio  Abrasão 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração de um músico do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: N		Bom Fissuras  Colonização Bio 
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração dos bailarinos do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: N		Razoável Fissuras  Colonização Bio 
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração dos bailarinos do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: Virado para NORTE		Razoável Fissuras  Colonização Bio 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Casa do Povo 4 Tema: Figuração dos músicos do Rancho folclórico “Os camponeses” Autor & Data: Zé Manel Triquinho, 2016 Orientação: Virado para NORTE		Razoável Fissuras  Colonização Bio 
	Localização: Rua Dr. José Marques 5 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense (figuração de cenas de namoro) Autor & Data: L. Carmo e Walter Reis, 2016 Orientação: NO		Razoável Fissuras  Lacunas tinta  Colonização Bio  Sujidade superficial  Empolamento 
	Localização: Rua Dr. José Marques 5 Tema: Cenas evocativas do ambiente tradicional Riachense e trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: Walter Reis, 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras  Lacunas tinta 

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua Dr. José Marques 5 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha da azeitona) Autor & Data: Walter Reis, 2016 Orientação: NO		Bom
	Localização: Rua Dr. José Marques 5 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (apanha da azeitona) Autor & Data: Walter Reis, 2016 Orientação: NO		Bom Fissuras  Colonização Bio 
	Localização: Rua Dr. José Marques 5 Tema: Figuração de uma personalidade de Riachos - Dr. José Marques Autor & Data: ZM, 2016 Orientação: NO		Bom

MURAL	FICHA TÉCNICA	MAPEAMENTO	EST. CONSERVAÇÃO
	Localização: Rua Sargaço 5 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: Manela, 2016 Orientação: NE		Bom
	Localização: Rua Sargaço 5 Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Autor & Data: Walter Reis, 2016 Orientação: NE		Bom Fissuras 
	Localização: Pátio do NAR - R. Dr. José Marques 5 Tema: Cópia da pintura "O Fado" de José Malhoa Autor & Data: F. Gorjão, 2016 Orientação: SE		Razoável Fissuras  Desvanecimento de cor significativo

ANEXO II

LEVANTAMENTO DOS MURAIIS DESTRUÍDOS

MURAI DESTRUÍDOS	FICHA TÉCNICA	MOTIVO
	Localização: Casa do Povo Tema: Cenas evocativas de tradições e costumes ribatejanos (touradas) Data: 2012	
	Localização: Casa do Povo Tema: Antigo lagar Data: 2016	
	Localização: Casa do Povo Tema: Antigo lagar Data: 2016	
	Localização: Casa do Povo Tema: A lenda da galga Data: 2016	
	Localização: Casa do Povo Tema: Figuração de uma personalidade de Riachos – Manuel de Almeida Data: 2016	

MURAIS DESTRUÍDOS	FICHA TÉCNICA	MOTIVO
	Localização: Bairro Stº António- Rua A Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (homem a ordenhar vaca) Data: 2012	
	Localização: Bairro Stº António – Rua A Tema: Trabalhos agrícolas e rurais (ir buscar água à fonte) Data: 2012	
	Localização : Bairro Stº António - R. A Tema: Ciclo do pão Data: 2012	
	Localização : Bairro Stº António – R. A Tema: Trabalhos agrícolas e rurais Data: 2012	
	Localização : Largo MS Seródio – R. Menino de Deus Tema: A Lenda do senhor Jesus Data: 2012	

MURAI DESTRUÍDOS	FICHA TÉCNICA	MOTIVO
	Localização: Largo MS Seródio . R. Menino de Deus Tema: Paisagem Data: 2016	

ANEXO III

FICHAS DE TRABALHO E TABELAS DE APOIO

FICHA TÉCNICA



Localização:

Tema:

Autor(es):

Data:

Orientação:

Repintado Sim ☐ **Ano:**

Propriedade Habitada ☐ Desabitada ☐

Notas: Colocar a fotografia do mural no quadrado. Na localização por a Rua onde o mural se encontra. Na orientação colocar o lado para o qual o mural está virado, pode ser qualquer um dos pontos cardinais: N, S, E, O, NO, NE, SO e SE.

AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Participantes:

Técnico responsável:

Data da avaliação:

Registo fotográfico

☐

Estado de conservação

Bom

☐

Razoável

☐

Mau

☐

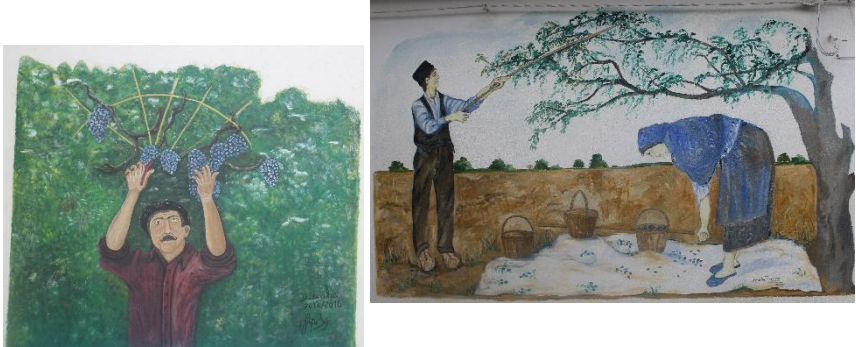
Muito mau

☐

Observações

Notas: Se possível fazer o registo fotográfico com o telemóvel e assinalar no quadrado. Utilizar a tabela dos exemplos dos estados de conservação para perceber qual o estado em que o mural se encontra. Após o estado definido usar a tabela das recomendações para ver qual corresponde ao estado do mural e colocá-la nas observações.

EXEMPLOS DOS ESTADOS DE CONSERVAÇÃO

Estado de conservação	EXEMPLOS
Bom	 
Razoável	  

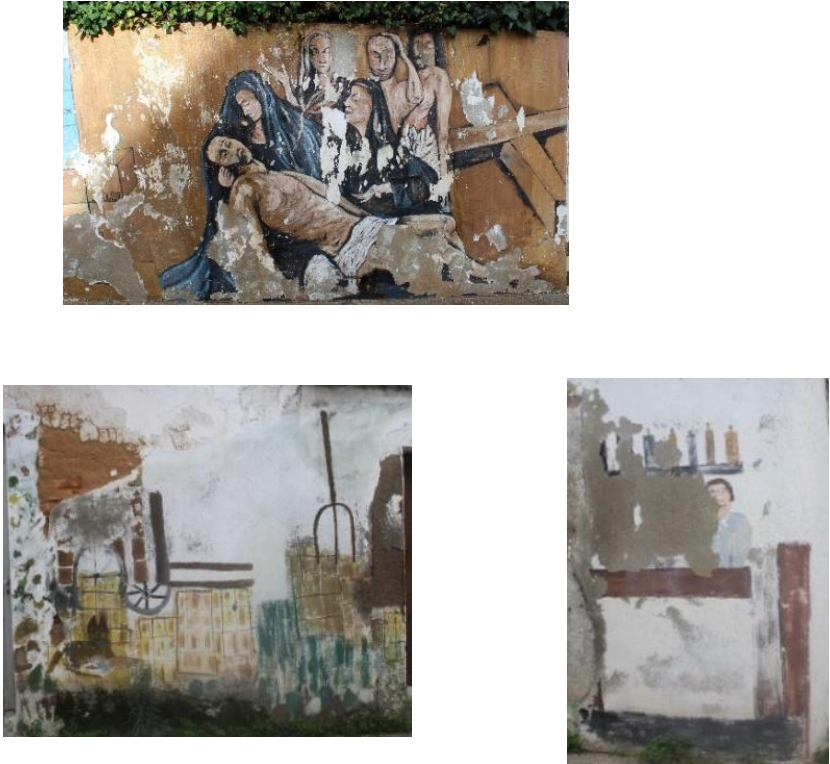
Estado de conservação	EXEMPLOS
Mau	 
Muito mau	

Tabela 1: Tabela de exemplificação do estado de conservação

RECOMENDAÇÕES

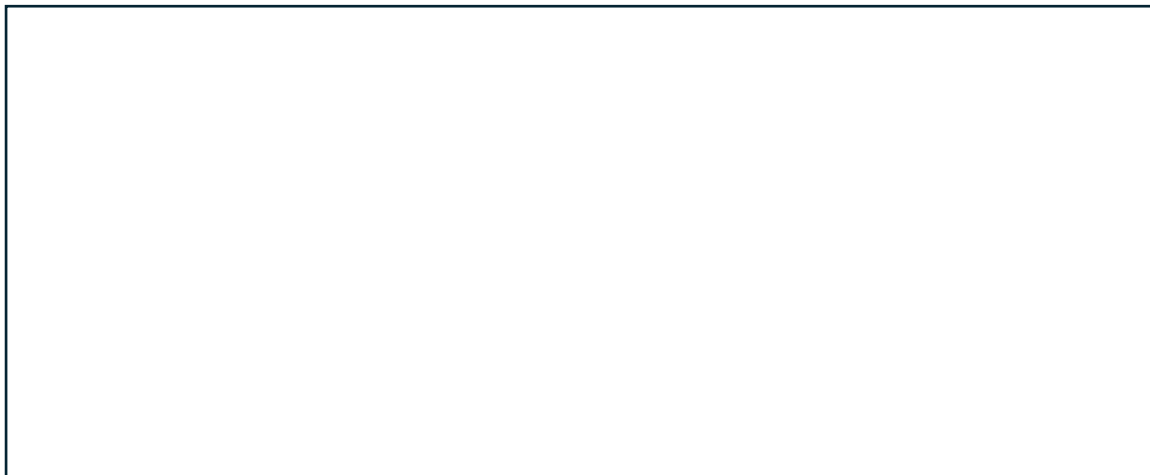
Estado de conservação	Recomendações
Bom	Nada
Razoável	Ações de conservação
Mau	Ações de conservação; Substituição.
Muito mau	Abandona-se, pois o suporte não é o mais indicado.

Tabela 2: Tabela de recomendações

FICHA DE ACONTECIMENTO

Data:

Acontecimento



Pessoa que reportou:

Registo fotográfico

☐

Notas: No quadrado explicar de forma resumida o que aconteceu ou irá acontecer. Caso seja feito algum registo fotográfico assinalar no quadrado.

Ficha 3: Ficha de acontecimento

ANEXO IV

GUIA PARA A CRIAÇÃO DE MURALS



Guia para a criação de
muraís

Índice

INTRODUÇÃO

INDICAÇÕES

O QUE É UM MURAL?
COMO POSSO FAZER UM?
QUEM ME PODE AJUDAR?
TEMAS
REGISTO DO PROCESSO
MATERIAL E CUIDADOS

FASES

- 1 PLANEAMENTO
- 2 PREPARAÇÃO
- 3 PINTURA
- 4 PROTEÇÃO
- 5 LIMPEZA
- 6 CELEBRAÇÃO
- 7 MANUTENÇÃO

Introdução

Este guia para a criação de murais é direcionado à comunidade de Riachos e contém algumas indicações, recomendações de higiene e segurança e uma metodologia de trabalho.

Indicações

O que é um mural?

Tecnicamente, um mural é uma pintura integrada num suporte arquitetónico. Normalmente são de natureza temporária e podem ser criados de várias formas.

Como posso fazer um?

Para criar um mural são necessárias cinco fases: Planeamento, Preparação, Pintura, Limpeza e Manutenção. Serão apresentadas detalhadamente ao longo desta brochura.

Quem me pode ajudar?

Existem pessoas ligadas ao MAR/NAR que estarão disponíveis para ajudar em qualquer fase do processo de criação do mural.

Indicações

Temas

O critério geral é a etnografia da terra, os usos e costumes e as memórias de antigamente.

Dentro deste critério já foram feitos murais com temas como a Lenda do Senhor Jesus, com cenas evocativas dos costumes ribatejanos, de trabalhos agrícolas e rurais, sobre painel do ciclo do pão, com cenas evocativas do ambiente riachense e com a figuração de personalidades de Riachos.

Registo do processo de criação

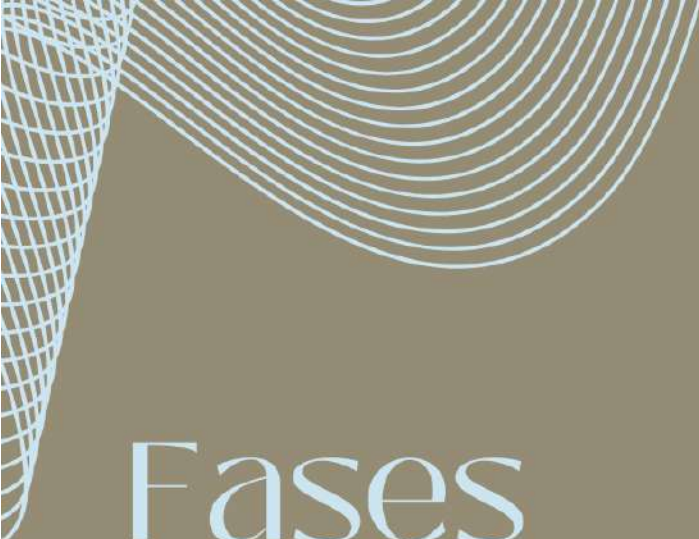
Recomenda-se fazer o registo fotográfico de todo o processo de criação do mural.

Utilizar telemóvel ou máquina fotográfica para fotografar o início e fim de cada fase

Indicações

Material e Cuidados

- Primário de alta qualidade e compatível com o suporte e a tinta
- Tintas acrílicas
- Pincéis, rolo, trinchas e esponjas
- Recipientes para as tintas e para limpar os pincéis
- Pano, sacos para o lixo e vassoura
- Escadote e banco
- Plástico para o chão e fita de papel
- Telemóvel ou máquina fotográfica
- Pintar em horas de menos calor e evitar dias de chuva
- Utilizar guarda-sol e/ou chapéu de sol
- Ter sempre água para beber



Fases

PLANEAMENTO

PREPARAÇÃO

PINTURA

PROTEÇÃO

LIMPEZA

CELEBRAÇÃO

MANUTENÇÃO

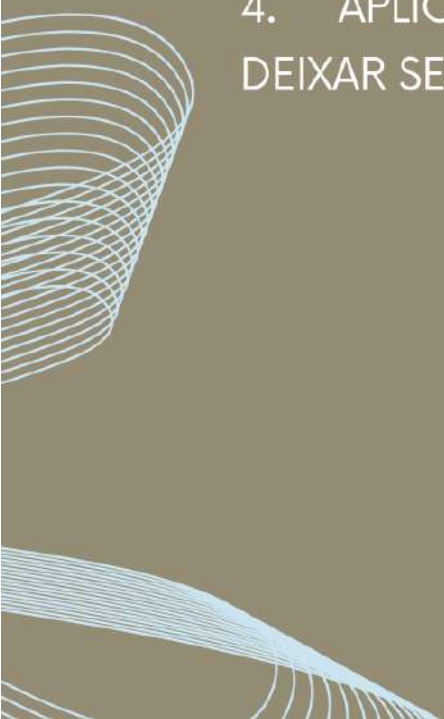


Planeamento

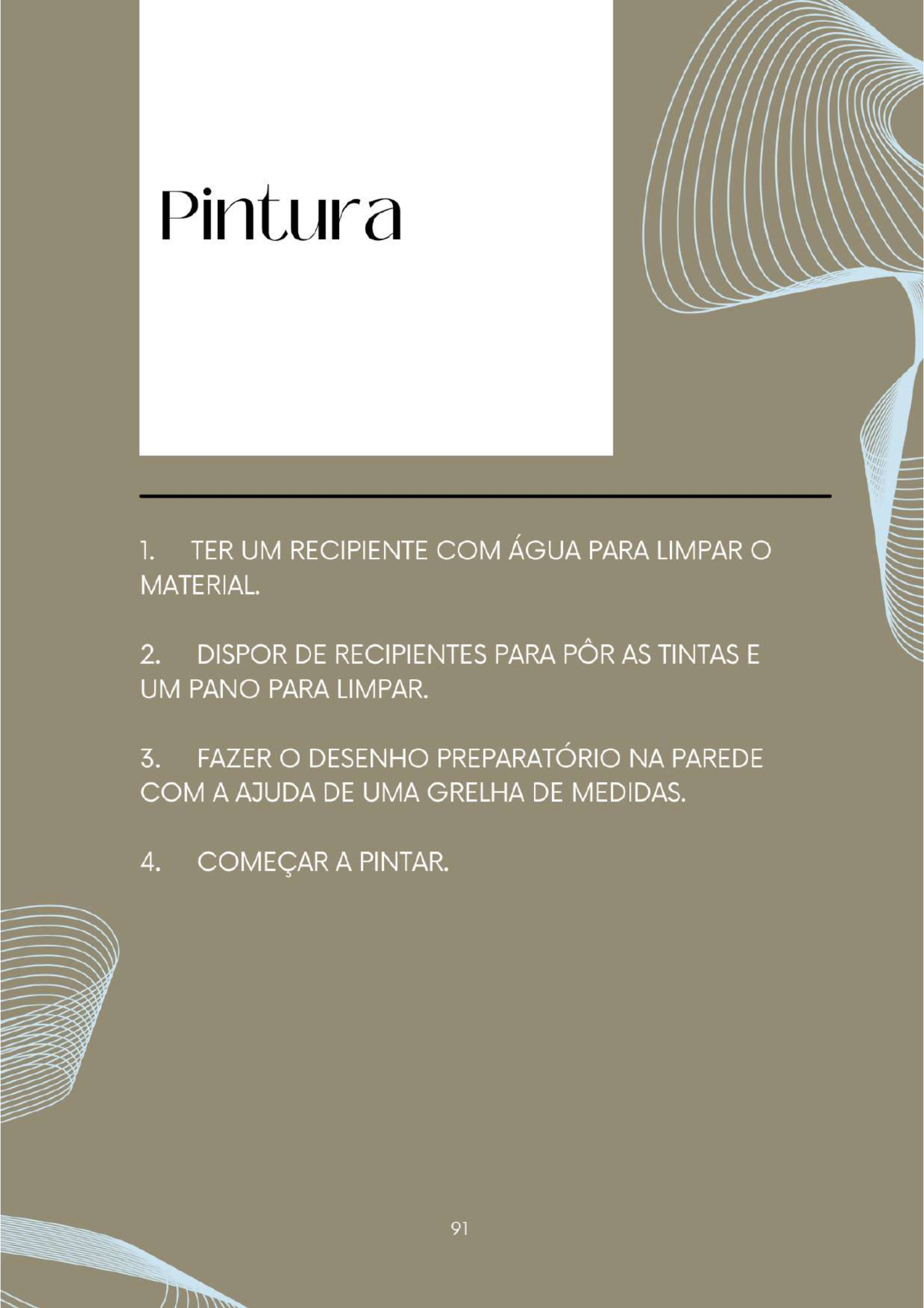
1. ESCOLHER O TEMA DENTRO DO CRITÉRIO DEFINIDO.
2. SELECIONAR UMA IMAGEM ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS DE CENAS DE RIACHOS, MEMÓRIAS PESSOAIS, IMAGENS RETIRADAS DA INTERNET OU GRAVURAS DE LIVRO.
3. ESCOLHER O SUPORTE, DE PREFERÊNCIA PAREDES DE CIMENTO COM POUCAS IMPERFEIÇÕES E POUCA EXPOSIÇÃO SOLAR.
4. PEDIR AUTORIZAÇÃO AO PROPRIETÁRIO SE A PAREDE NÃO FOR DO PRÓPRIO.
5. APRESENTAR A PROPOSTA AO MAR/NAR COM ESSAS INFORMAÇÕES E PEDIR O FINANCIAMENTO DOS MATERIAIS.

Preparação



-
1. LIMPAR O SUPORTE COM UMA VASSOURA E/OU MANGUEIRA.
 2. NIVELAR O SUPORTE COM ARGAMASSA APROPRIADA E COM RECURSO A ESPÁTULAS.
 3. COLOCAR FITA DE PAPEL À VOLTA DA ÁREA A PINTAR E PLÁSTICO NO CHÃO DE FORMA A PROTEGER.
 4. APLICAR O PRIMÁRIO COM ROLOS OU TRINCHAS E DEIXAR SECAR POR 24 HORAS.
- 

Pintura



-
1. TER UM RECIPIENTE COM ÁGUA PARA LIMPAR O MATERIAL.
 2. DISPOR DE RECIPIENTES PARA PÔR AS TINTAS E UM PANO PARA LIMPAR.
 3. FAZER O DESENHO PREPARATÓRIO NA PAREDE COM A AJUDA DE UMA GRELHA DE MEDIDAS.
 4. COMEÇAR A PINTAR.

Proteção

-
1. DEPOIS DE ACABADA A PINTURA DEIXAR SECAR POR 24 HORAS.
 2. APLICAR UM VERNIZ ACRÍLICO COM O AUXÍLIO DE UMA TRINCHA.

Limpeza



-
1. LIMPAR OS PINCÉIS, TRINCHAS E ROLOS.
 2. NO FIM DO TRABALHO DEIXAR O LOCAL LIMPO.

Celebração



-
1. FOTOGRAFAR O MURAL.
 2. REGISTAR O MURAL NO MAR/NAR.
 3. FESTEJAR O MURAL.

Manutenção

-
- CONSULTAR O PROTOCOLO DE MONITORIZAÇÃO NO MAR/NAR.



Guia para a criação de murais
Trabalho de projeto de mestrado em Museologia
Joana Ferreira Leite
2025

